

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

PAULO LUIZ DA SILVA



A CONTRIBUIÇÃO DO ENSINO RELIGIOSO NA CONSTRUÇÃO SIMÉTRICA E  
EPISTEMOLÓGICA DO CIDADÃO

PAULO LUIZ DA SILVA

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 06/07/2017.

A CONTRIBUIÇÃO DO ENSINO RELIGIOSO NA CONSTRUÇÃO SIMÉTRICA E  
EPISTEMOLÓGICA DO CIDADÃO

PPGCR  
Faculdade Unida de Vitória

Trabalho Final de Mestrado Profissional  
para obtenção do grau de Mestre em Ciências  
das Religiões

Faculdade Unida de Vitória

Programa de Pós-Graduação

Linha de Pesquisa: Religião e Esfera Pública

Orientador: Dr. Abdruschin Schaeffer Rocha

Vitória – ES

2017

Silva, Paulo Luiz da

A contribuição do Ensino Religioso na construção simétrica e epistemológica do cidadão / Paulo Luiz da Silva. – Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2017.

viii, 69 f. ; il. 31 cm.

Orientador: Abdruschin Schaeffer Rocha

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2017.

Referências bibliográficas: f. 68-69

1. Ciências das religiões. 2. Religião e esfera pública. 3. Ensino Religioso. 4. Epistemologia. 5. Simetria. 6. LDB. 7. Alunos. 8. Ensino Religioso e cidadania. - Tese. I. Paulo Luiz da Silva. II. Faculdade Unida de Vitória, 2017. III. Título.

PAULO LUIZ DA SILVA

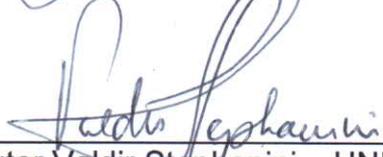
A CONTRIBUIÇÃO DO ENSINO RELIGIOSO NA CONSTRUÇÃO SIMÉTRICA E  
EPISTEMOLÓGICA DO CIDADÃO

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões no Programa de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória.



---

Doutor Abdruschin Schaeffer Rocha – UNIDA (presidente)



---

Doutor Valdir Stephanini – UNIDA



---

Doutor Francisco de Assis Souza dos Santos – UNIDA

## DEDICATÓRIA

À minha esposa, Alexandra Rodrigues dos Santos, por todo suporte e incentivo; diante tantas dificuldades. .



## AGRADECIMENTOS

A Deus por permitir, a obtenção e ampliação de meus conhecimentos.

Ao meus pais, Severino Luiz da Silva e Eurides Firmino da Silva pelo o apoio.

Aos meus filhos, Ana Isabelle Rodrigues Silva, e Matheus Henrique Rodrigues silva, pela sua paciência em ter que conviver em alguns momentos, com a minha ausência enquanto pai.

À Marta Marinho, pelas revisões e correções textuais.

Ao meu orientador, prof. Dr. Abdruschin Schaeffer Rocha, além de toda a orientação, pela sua paciência e sua sinceridade no decorrer das orientações.

À prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Claudete Beise Ulrich, pelas sua coragem em desbravar a luz da teologia a questões do feminino. Ao prof. Dr. Osvaldo Luiz Ribeiro, pelas inquietações provocadas em todas as aulas.

Aos professores Dr. Sérgio Luiz Marlow, Dr. José Adriano Filho, Dr. Cleinton Souza, Dr. Dr. David Mesquiati de Oliveira, Dr. Kenner Roger Cazotto Terra, Dr. José Mário Gonçalves, Dr. Ronaldo de Paula Cavalcante, Dr. Francisco de Assis Souza dos Santos, pelo ensino provocador.

PPGCR  
Faculdade Unida de Vitória

## RESUMO

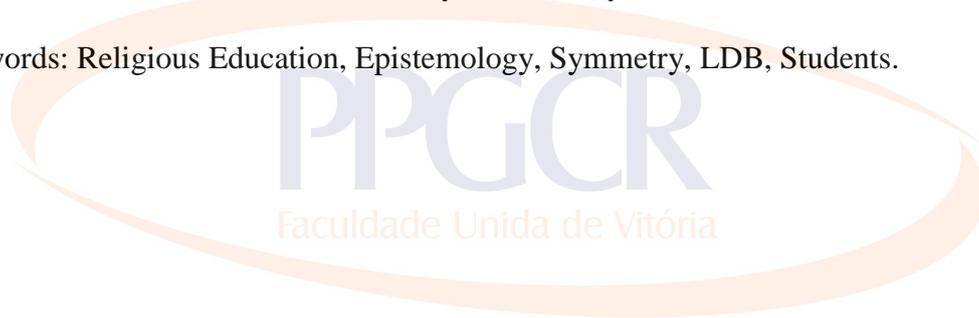
O presente trabalho pretende pesquisar a importância do Ensino Religioso numa construção simétrica e epistemológica, mediante pesquisas bibliográficas e pesquisa de campo, tendo como objeto da investigação as alunas, o professor da disciplina e o diretor da escola adventista, localizada na cidade de Maceió, Estado de Alagoas. Como recurso metodológico, foi aplicado um questionário junto às alunas; por meio das respostas, realizamos uma análise acerca da importância do Ensino Religioso na formação cidadã dos alunos. Para que a pesquisa obtivesse o êxito esperado, necessário se fez: a realização de uma retrospectiva do Ensino Religioso no Brasil, procurando, na sua origem, o caminho que foi sendo traçado por ele, bem como os rumos e desafios que enfrentou; fazer um percurso para mostrar o desafio do multiculturalismo religioso nas escolas, com o fim de mostrarmos a importância do Ensino Religioso na construção da cidadania e de como ele pode simétrica e epistemologicamente contribuir para a construção da cidadania, a partir das concepções de Habermas, João Passos, Sergio Junqueira e outros; análise dos dados advindos da pesquisa de campo no Colégio Adventista, com o intento de averiguar se a disciplina do Ensino Religioso contribui, de fato, com a formação desse aluno para a cidadania. Como resultado da pesquisa, evidenciamos que, mesmo com suas deficiências pedagógicas e metodológicas, a escola adventista tem contribuído direta ou indiretamente para a formação cidadã dos seus alunos.

Palavras-chave: Ensino Religioso, Epistemologia, Simetria, LDB, Alunos.

## ABSTRACT

The present work investigated the importance of Religious Education in an asymmetrical and epistemological construction, through bibliographical research and field research, having as subject of the investigation the students, professor of the discipline and the director of the Adventist school, located in the city of Maceió, State of Alagoas . As a methodological resource, a questionnaire was applied to these subjects; Through the answers, we carried out an analysis about the importance of Religious Education in the citizens' formation of the students. In order for the research to achieve its expected success, it was necessary to carry out a retrospective of Religious Education in Brazil, looking for, in its origin, the path that was being drawn by it, as well as the directions and challenges it faced; To take a course to show the challenge of religious multiculturalism in schools, in order to show the importance of Religious Education in the construction of citizenship and how it can symmetrically and epistemologically contribute to the construction of citizenship, based on the conceptions of Habermas, João Passos, Sergio Junqueira and others; Analysis of data from field research at the Adventist College, with the aim of ascertaining whether the discipline of Religious Education contributes, in fact, to the formation of this student for citizenship. As a result of the research, we show that, even with its pedagogical and methodological deficiencies, the Adventist school has contributed directly or indirectly to the formation of its students.

Keywords: Religious Education, Epistemology, Symmetry, LDB, Students.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 TRAJETÓRIA DO ENSINO RELIGIOSO NO BRASIL .....	13
1.1. O Ensino Religioso no Brasil Colônia.....	13
1.2. O Ensino Religioso no Império .....	15
1.3. O Ensino Religioso na República.....	17
1.4. O Ensino Religioso na Constituição de 1988 .....	19
2 O ENSINO RELIGIOSO E OS DESAFIOS DO MULTICULTURALISMO RELIGIOSO NAS ESCOLAS .....	21
2.1. Pluralismo religioso na escola e os desafios pedagógicos.....	22
2.2 A ética, e a alteridade no Ensino Religioso, e sua importância como um elemento constituente da cidadania .....	27
2.3 A importância da epistemologia no Ensino Religioso.....	32
2.4 Os desafios socioculturais do Ensino Religioso na contemporaneidade.....	34
3 PESQUISA DE CAMPO REALIZADA NA ESCOLA ADVENTISTA SOBRE A IMPORTÂNCIA DO ENSINO RELIGIOSO NA CONSTRUÇÃO DO CIDADÃO.....	47
3.1 Metodologia.....	47
3.2 Dados Gerais dos Alunos entrevistados .....	47
3.3 Dados Gerais do Professor .....	52
3.4 Dados Gerais do Diretor.....	58
3.5 Discussão dos Dados da Pesquisa .....	60
3.5.1 Os desafios da Escola confessional, e as implicações das mudanças.....	63
CONCLUSÃO.....	66
REFERÊNCIAS .....	68
ANEXOS .....	70

## INTRODUÇÃO

O Ensino Religioso, desde o Brasil colônia até o presente momento, tem sido motivo de fortes e calorosas discussões no cenário político brasileiro, por ser uma disciplina, que não está bem definida nos currículos das escolas brasileiras, devido ao pluralismo religioso presente no país. Na tentativa de amenizar o problema em torno do tema, foi elaborado o “Projeto nº 2.997/97 [que] propunha alteração do artigo 33 da LDB, pelo qual se pretendia que o Ensino Religioso fosse parte integrante da formação básica do cidadão”<sup>1</sup>. Essa foi uma das alternativas encontradas pela maioria dos especialistas na área do Ensino Religioso para viabilizar sua integração aos currículos, de forma a se apresentar isento de qualquer ideologia religiosa.

A diversidade religiosa, pelo que conhecemos e pelo que se encontra registrado na história do Brasil, é notada em diversas formas, por exemplo, na formação do nosso país, em que as populações nativas foram sujeitas a um processo de conversão ao cristianismo, o mesmo acontecendo com os escravos trazidos da África. Esses povos foram convertidos e assimilados pela tradição cristã católica, mesmo mantendo vivas as suas variantes religiosas misturadas ao catolicismo, as quais estão presentes nos cultos de candomblé e rituais de umbanda, bem como em várias crenças e práticas populares, o que se traduz no multiculturalismo religioso. O multiculturalismo na concepção de Habermas significa uma coexistência com iguais direitos, de diferentes formas de vida no interior de uma comunidade, como também o reconhecimento recíproco de grupos subculturais no quadro de uma política compartilhada.<sup>2</sup> Para Habermas o multiculturalismo só é possível em um Estado laico, que capaz de garantir um ambiente democrático entre todos os grupos.

Compreendido como patrimônio da humanidade, o conhecimento religioso configura-se como elemento de colaboração na constituição do cidadão, de maneira a possibilitar o exercício de uma dinâmica marcada pelo respeito às diversas convicções religiosas. Nesse sentido, importa afirmar que o conceito de Ensino Religioso atual é o da educação da religiosidade; educação essa feita de experiências e reflexões do fenômeno religioso das diversas tradições religiosas que podem ser encontradas no ambiente escolar.

Nessa perspectiva, esse ensino assume o papel de levar o indivíduo ou grupo social a uma compreensão do ser, do agir, e da responsabilidade de se relacionar com o sagrado, a

---

<sup>1</sup> JUNQUEIRA, Sergio Rogério Azevedo. *Processo de escolarização do Ensino Religioso no Brasil*. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2002, p. 65.

<sup>2</sup> HABERMAS, Jürgen. *Entre o Naturalismo e a Religião*. Tempo brasileiro Rio de Janeiro: 2007, p. 285 e 300.

ponto de convergir o sujeito para o seu desenvolvimento na sociedade. Isso demonstra que o “Ensino Religioso tem condições de contribuir com essa ligação, independentemente das opções metodológicas [e ele] remete para as questões de fundo da existência da espécie humana”<sup>3</sup>.

A metodologia utilizada neste trabalho, pretende-se realizar uma pesquisa de campo, numa escola adventista localizada em Maceió, na qual as alunas do Ensino Fundamental e Médio e o professor, como o diretor, serão submetidos a um questionário, com o fim de entendermos quais são as reais contribuições do Ensino Religioso na escola para a formação de um cidadão contemporâneo.

O problema deste trabalho é o seguinte: o Ensino Religioso em uma escola confessional contribui efetivamente para a construção “simétrica”<sup>4</sup> e epistemológica do cidadão? O termo **simétrica**, para Habermas estava relacionado a uma igualdade de direitos, entre todos os cidadãos participantes de uma sociedade plural e democrática, em que o Estado secular garantisse a liberdade religiosa e o conhecimento cognitivo para todos os cidadãos, com bases epistemológica. Etimologicamente a palavra “epistemologia é proveniente dos termos gregos *episteme* (ciência) e *logos* (discurso, estudo), com o significado de discurso ou estudo sobre a ciência. A epistemologia é uma disciplina filosófica que reflete criticamente sobre o conhecimento científico”<sup>5</sup>. Neste contexto, Habermas percebe que a “consciência religiosa na era da modernidade possui um lado epistemológico. Isso significa que todas as religiões precisam ser estudadas mediante uma postura crítica e, reflexiva”. Para Habermas, essa postura evitaria a polarização entre visões de mundo religiosas e seculares que colocaria em risco a coesão entre os cidadãos<sup>6</sup>. A hipótese a esse questionamento pretende se apoiar em dois aspectos básicos: a garantia do respeito à diversidade cultural e a proibição da prática do proselitismo (visão da verdade de apenas uma tradição religiosa). Nesse sentido, esperamos, com essa investigação, que sejam alcançados os objetivos aqui propostos.

Ressaltamos, nesse intento, que a religiosidade nas suas diferentes expressões é uma dimensão constitutiva do ser humano, já que, desde os primórdios, podemos constatar a sua manifestação nas culturas, ao servir como referência para as pessoas que buscam respostas. O fenômeno religioso, nessa perspectiva, é uma forma histórica que assume a capacidade de abertura ao transcendente, inscrita na experiência de vida, e o Ensino Religioso oportuniza o

---

<sup>3</sup> PASSOS, João Décio. *Ensino Religioso: construção de uma proposta*. São Paulo, 2007, p. 107.

<sup>4</sup> HABERMAS, 2007, p. 136.

<sup>5</sup> OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. *Epistemologia e educação: bases conceituais e racionalidades científicas* RJ: Vozes, 2016, p. 18

<sup>6</sup> HABERMAS, 2007, p. 13

estudo das diferentes possibilidades e as razões pelas quais temos acesso à percepção do transcendente.

O Ensino Religioso está, intrinsicamente, ocupado com o ser humano, com seus valores e aspirações profundas, com o fim de fortalecer nele o caráter de cidadão e desenvolver seu espírito de participação, ao oferecer critérios para a segurança de seus juízos e aprofundar as motivações para a autêntica cidadania.

Não é demais lembrarmos que vivemos em uma sociedade a qual, por esquecer seus cidadãos, tem deturpado o sentido de cidadania, e, assim, constatamos uma realidade social que é cruel para aqueles cujos direitos são negados, colocando-os à margem de uma vida digna. Nitidamente percebemos que a cidadania é uma fonte humanizadora na qual todos têm voz e vez; no entanto, a ganância pelo poder e a competição levam as pessoas a passarem uma por cima da outra, sem medir esforços para atingir seus objetivos, utilizando-se de meios desumanos. Nesse sentido, o ser perdeu seu valor como pessoa, e deixou de realizar suas condições básicas, de cumprir seu desejo de felicidade. Por isso, o resgate da cidadania exige mudança de paradigma e de lugar social para uma perspectiva inter-relacional, e uma mudança epistemológica.

O Ensino Religioso tem muito a contribuir na efetivação e organização da morada comum, fundamentada na ética e nos valores que são razão do existir. Como fenômeno, resulta especialmente da busca de sentido e das diferentes maneiras de dar direcionamento à vida. Dada a dimensão que ocupa na esfera individual, grupal, institucional e social e o papel que exerce na formação da personalidade, a religião busca significar as coisas que fazem parte do cotidiano, da vida, inclusive as contradições. Entrelaçada com a cultura, a religião, segundo Mondin, pode ser considerada como: “Guardiã da tradição, preservadora da lei moral, educadora e mestra da sabedoria”<sup>7</sup>. Assim, é preciso entender a religiosidade como parte essencial de um sistema complexo que permite aos seres humanos viverem juntos em uma organização ordenada de relações sociais. Ela insere os “excluídos” nos trilhos de uma convivência social.

Considerando que o Ensino Religioso é como uma bússola a orientar o cidadão, enquanto favorece uma maior participação do ser humano na construção de uma sociedade justa e solidária, e convencidos de que ele oferece ao ser humano motivação para a vida, e tendo presente a dimensão e realidade religiosa do ser humano, é que nos propomos neste

---

<sup>7</sup> MONDIN, Battista. *Quem é Deus?* Elementos de teologia filosófica. São Paulo: Paulus, 1997.

trabalho, sedimentados em uma pesquisa de campo e bibliográfica, mostrar como o Ensino Religioso contribui para a formação do cidadão.

O Ensino Religioso será um meio para formar seres humanos mais conscientes, em uma sociedade cada vez mais plural. Sua contribuição frente aos desafios no processo de reconhecimento é o de que o eu, sem o outro, não evolui. No desenvolvimento e fortalecimento do “nós”, é que se dá a construção da sociedade, na tentativa de vincular os valores e prática destes em favor do bem-estar social.

Com esse entendimento e para compreendermos melhor esse processo, a pesquisa dá os seguintes passos:

No primeiro capítulo, faremos uma retrospectiva do Ensino Religioso no Brasil, procurando, na sua origem, o caminho que foi sendo traçado por ele, bem como os rumos e desafios que enfrentou. Faremos uma abordagem tal, de maneira a considerarmos os momentos distintos vividos pelo Brasil com o fim de resgatar a natureza do Ensino Religioso e a razão de ser na formação do ser humano.

No segundo capítulo, faremos um percurso para mostrar o desafio do multiculturalismo religioso nas escolas, momento em que trabalharemos com o referencial teórico selecionado para embasamento da pesquisa sobre a importância do Ensino Religioso na construção da cidadania. Desse modo, observaremos como o Ensino Religioso pode simetricamente e epistemologicamente contribuir para a construção da cidadania, a partir das concepções de Habermas, João Passos, Sergio Junqueira e outros. Segundo Figueiredo, a escola “não pode prescindir de sua função de proporcionar às gerações do presente e do futuro as condições para a sua justa participação nas realizações de uma sociedade em processo de contínua transformação”<sup>8</sup>.

A parte final do capítulo apresentará o resultado da pesquisa de campo no Colégio Adventista, com o intento de averiguar se a disciplina do Ensino Religioso contribui, de fato, com a formação desse aluno para a cidadania.

---

<sup>8</sup> FIGUEREDO, Anisia de Paulo. *Ensino Religioso, Perspectivas Pedagógicas*. Petrópolis: Vozes 1994, p. 33

## 1 TRAJETÓRIA DO ENSINO RELIGIOSO NO BRASIL

O Ensino Religioso no Brasil tornou-se alvo de debate, nos últimos anos, devido ao fato de ser inserido no currículo como disciplina regular centrada na antropologia religiosa. Para compreender melhor a questão, é preciso olhar rápido, de forma contextual, os 500 anos desse ensino no Brasil, e detectar os altos e baixos, as incompreensões, e as imposições por parte dos colonizadores e estrangeiros. Propomos, nesse sentido, uma reflexão e um olhar sobre a trajetória desse ensino, considerando distintos momentos sociopolíticos vividos pelo Brasil nesses 500 anos.

### 1. 1 O Ensino Religioso no Brasil Colônia

Com a chegada dos portugueses no Brasil colônia, ocorreram profundas mudanças no cenário político e religioso. A esse respeito afirma Junqueira: “a chegada da frota comandada por Pedro Álvares Cabral ao Brasil está relacionada a um projeto político-religioso”<sup>9</sup>. Esse projeto implicou a catequese dos povos primitivos que habitavam o território do Brasil colônia. “Nesse contexto histórico nas primeiras décadas do século XVI, o território sofreu diversos revezes, pelo fato do [sic] rei de Portugal se convencer da necessidade de envolver a Monarquia na ocupação da nova terra”<sup>10</sup>. Para que isso ocorresse, “colonizadores utilizaram-se da força da espada para obrigar os habitantes locais a ingressar na vida civilizada”<sup>11</sup>. A vida civilizada significava a incorporação dos valores ocidentais, como a cultura e a religião católica vinda de Portugal. Isso obrigava os índios a abandonarem suas práticas culturais e religiosas, para se enquadrarem dentro das novas regras dos colonizadores. Segundo Dermeval Saviani:

Quando a esquadra de Pedro Álvares Cabral aportou deste lado do Atlântico, encontrou populações há séculos estabelecidas nas terras que vieram a ser chamadas de Brasil. Essas populações viviam em condições semelhantes àquelas que foram definidas como correspondentes ao comunismo primitivo. Ou seja: não eram sociedades estruturadas em classe. Apropriavam-se de forma coletiva dos meios necessários à sua subsistência. Esses meios consistiam na caça, pesca, coleta de frutos e de plantas nativas e algumas plantações dentre as quais se destacavam o milho e, principalmente, a mandioca. Tratava-se, em suma, de uma economia de subsistência.<sup>12</sup>

<sup>9</sup> JUNQUEIRA, 2002, p. 16.

<sup>10</sup> SAVIANI, 2013, p. 25.

<sup>11</sup> JUNQUEIRA, 2002, p. 17.

<sup>12</sup> SAVIANI, Dermeval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2013, p. 33.

Notamos que os índios já possuíam, antes da chegada dos portugueses, uma religião e uma cultura própria; eles já dominavam algumas técnicas de sobrevivência. No entanto, isso foi desrespeitado pelos colonizadores, já que o rei de Portugal “providenciou grupo de jesuítas constituído por quatro padres, com a missão conferida pelo rei de converter os gentios à fé católica”<sup>13</sup>. Essa foi uma demonstração de total ignorância e falta de respeito com os índios e sua cultura. “Nesse período os jesuítas criaram escolas e instituíram colégios e seminários que foram espalhando-se pelas diversas regiões do território”<sup>14</sup>, objetivando com isso a introdução de uma nova ideologia ocidental, ao ignorar outras culturas e práticas religiosas. Diante desse novo contexto, os índios estavam sendo forçados a assimilarem outra cultura; assim, na cosmovisão dos colonizadores, isso seria uma forma de civilizá-los, de conformidade com os seus valores culturais e religiosos.

É importante enfatizar que as escolas implantadas pelos jesuítas incentivavam o proselitismo e tinham como objetivo a catequização dos colonos. Nesse sentido, assim se expressa Saviani: a “educação instaurada no âmbito do processo de colonização trata-se, evidentemente, de aculturação, isto é, [...] vai do meio cultural do colonizador para objeto da colonização”<sup>15</sup>. Mediante essa cosmovisão dos colonizadores, os colonos eram considerados como selvagens e bárbaros, sem cultura, ou seja, eles eram um povo que necessitava de uma educação que os tornasse indivíduos civilizados. Essa prática pedagógica utilizada pelas escolas jesuítas era contraditória pelo fato de ignorar toda a cultura e experiência do colonizado. Nesse sentido, enfatizamos que a educação do Brasil colônia “era uma educação enquanto aculturação, isto é, a inculcação nos colonizados das práticas, técnicas e símbolos e valores próprios dos colonizadores”<sup>16</sup>.

Isso significava que os únicos detentores da verdade nos aspectos religiosos e culturais eram os colonizadores, os demais não passavam de ignorantes; além disso, a educação promovida pelos jesuítas tinha “estreita simbiose entre a educação e a catequese na colonização do Brasil”<sup>17</sup>. Compreendemos, assim, que o objetivo pedagógico da educação promovida pela corte era voltada para a catequese, ao tempo em que atendia aos interesses políticos e econômicos dessa classe social. O rei não tinha nenhuma preocupação em promover o desenvolvimento do povo da colônia para estarem inclusos em uma sociedade

---

<sup>13</sup> SAVIANI, 2013, p. 25.

<sup>14</sup> SAVIANI, 2013, p. 26.

<sup>15</sup> SAVIANI, 2013, p. 27.

<sup>16</sup> SAVIANI, 2013, p. 29.

<sup>17</sup> SAVIANI, 2013, p. 31.

justa e cidadã; ao contrário, dominava com “mão de ferro” e quem contrariasse a sua política sofreria duras penalidades.

## 1.2 O Ensino Religioso no Império

O Ensino Religioso no Brasil imperial ainda estava sob o domínio da Igreja Católica, que tinha como objetivo servir aos interesses e “aos esquemas de protecionismo da Metrópole”<sup>18</sup>. Notamos que, nesse primeiro momento, a educação não era voltada para os interesses comuns da sociedade; ao contrário, servia como instrumento alienante. Nesse período, a educação estava sob o controle da religião católica. Essa mesma educação passa a ser um dos principais “aparelhos ideológicos do Estado, concorrendo para o fortalecimento da dependência ao poder político por parte da igreja”<sup>19</sup>. Esse fato é uma demonstração de que a educação no Brasil império é refém de uma política a serviço da minoria; isso é ratificado na “constituição de 1824 [a qual] estabelece que a religião católica romana continuará a ser Religião do império”<sup>20</sup>. Essa constituição favorecia unilateralmente a religião católica, enquanto as demais religiões nesse período eram ignoradas. Isso prova que a educação estava submissa às questões religiosas, voltada para atender aos caprichos e às demandas do império. Esse modelo de educação desenvolvida no império estava comprometida pedagogicamente, pelo fato de a educação estar submissa a uma ideologia imperial e refém de uma estrutura religiosa. No período imperial, Saviani alegou:

Que havia um plano para a organização da instrução pública estruturada em 12 capítulos. Consistia num plano amplo e detalhado que previa a organização do conjunto da instrução pública dividida em três graus: o primeiro grau cuidaria da instrução comum tendo como objeto as verdades e os conhecimentos úteis e necessários a todos os homens, e teria a duração de três anos, abrangendo a faixa etária dos 9 aos 12 anos de idade. Segundo grau, com a duração de seis anos, versaria sobre os estudos básicos referentes às diversas profissões. E terceiro grau se destinaria a prover educação científica para a elite do país<sup>21</sup>.

A expressão prover educação para a elite do país, é uma prova contundente de que o povo não passava de massa de manobra para os interesses da elite. Essa frase foi materializada e vigora até hoje, já que podemos sentir os seus efeitos negativos nos índices educacionais das escolas brasileiras, pois constatamos, pelo que é divulgado oficialmente, que

<sup>18</sup> FONAPER - Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino Religioso*. 2. ed. São Paulo: Ave Maria, 1997, p. 13.

<sup>19</sup> FONAPER, 1997, p. 13.

<sup>20</sup> GRUEN, Wolfgang. *Ensino Religioso na Escola 2*. Petrópolis 1995, p. 56.

<sup>21</sup> SAVIANI, 2013, p. 120.

a maioria de nossas crianças não sabe ler e escrever; por conta disso, está-se criando no Brasil uma casta de miseráveis, e de analfabetos, resultado de uma educação excludente que foi herdada do Brasil império. Esse modelo pedagógico de ensino não é capaz de formar um país de indivíduos cidadãos. De acordo com Junqueira, no Brasil imperial, “o ensino primário não era pré-requisito na sequência da escolarização e os cursos secundários eram predominantemente avulsos, de frequência livre”<sup>22</sup>. Esse é um fato que vem à luz da nossa consciência: o total descaso com a educação, quando direcionada aos mais desfavorecidos, pois não havia efetivamente a real preocupação em formar indivíduos cognitivamente e epistemologicamente capazes; isso contrariaria a ideologia imperial e os interesses da igreja, já que, uma vez de posse desse conhecimento, o povo poderia fazer críticas referentes tanto às práticas abusivas do imperador, as quais seguiam as regras mercantis que oprimiam a classe de trabalhadores, quanto às práticas abusivas da própria igreja. Isso poderia desestabilizar os dois poderes. Diante desses fatos, Mézszaró alegou que:

A razão para o fracasso de todos os esforços anteriores, e que se destinavam a instituir grandes mudanças na sociedade por meio de reformas educacionais lúcidas, reconciliadas com o ponto de vista do capital, consistia – e ainda consiste – no fato de determinações fundamentais do sistema do capital serem irreformáveis. Uma vez que o significado real de educação, digno de seu preceito, é fazer os indivíduos viverem positivamente à altura dos desafios das condições sociais historicamente em transformação – das quais são também os produtores mesmo sob as circunstâncias mais difíceis – todo sistema de educação orientado à preservação acrítica da ordem estabelecida a todo custo só pode ser compatível com os mais pervertidos ideais e valores educacionais<sup>23</sup>.

A política educacional do Brasil império reflete esse fato, até hoje, na educação brasileira, pelo fato de ela ser para poucos privilegiados, ou seja, só os ricos e os poderosos estudam nas melhores escolas desse país; os demais ficam reféns de um sistema de financiamento chamado Fies, que é algo quase impagável. É importante ressaltarmos, mais uma vez, que a educação elaborada no Brasil império estava direcionada aos interesses econômicos da corte. Saviani alega que, nesse período, Portugal tentou “o isolamento cultural motivado pelo temor de que, por meio do ensino, fossem difundidas ideias emancipacionistas”<sup>24</sup>. A ideia de uma educação voltada para a libertação do indivíduo, naquela circunstância, era uma ameaça para a corte e para o sistema mercantil. Hoje não é diferente; a educação está a serviço do sistema capitalista.

<sup>22</sup> JUNQUEIRA, 2008, p. 20.

<sup>23</sup> MÉSZARÓ, István. *Educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2008, p. 26 e 83.

<sup>24</sup> SAVIANI, 2013.

### 1.3 O Ensino Religioso na República

Com a Proclamação da República, houve mudanças profundas na vida da igreja. Na implantação desse regime, vemos que o “ensino da religião passa pelos mais controvertidos questionamentos pois era empecilho para a implantação do regime, em que a separação entre estado e igreja se dá pelo viés dos ideais positivistas”<sup>25</sup>. Em 1981, a Constituição Federal com a expressão do artigo 72, parágrafo 6 diz: “Será leigo o ensino ministrado nos estabelecimentos públicos”.

O Ensino Religioso se fez presente e atuou em fidelidade aos princípios estabelecidos pela Igreja Católica, mesmo tendo proclamado a laicidade do ensino. Disso, originou-se uma polêmica em torno da história do Ensino Religioso escolar no final desse período. Os bispos dão explicações aos católicos, protestantes, metodistas, calvinistas de que a expressão “ensino leigo” não quer dizer que o ensino é ateu, não religioso ou ímpio. “Entretanto, nos anos seguintes, a Igreja Católica, [sic] toma posição e defende o ensino da religião como resultado da liberdade religiosa e liberdade de consciência”<sup>26</sup>.

No período de transição (1930-1937), o Ensino Religioso é admitido em caráter facultativo pelo decreto de 30 de abril de 1931. Em 1934, é assegurado nos termos do artigo 153 da seguinte maneira:

O ensino religioso será de matrícula facultativa e ministrado de acordo com os princípios da confissão religiosa do aluno, manifestado pelos pais e responsáveis e constituirá matéria dos horários nas escolas públicas primárias, secundárias profissionais e normais.<sup>27</sup>

Nesse mesmo período, foi lançado o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, que toma posição contra o Ensino Religioso na escola, pois seus princípios são de “laicidade, obrigatoriedade e qualidade do ensino”. Podemos, então, dizer que a constituição de 1934 estabelece a nova “laicidade do Estado” e a Igreja e Estado, mesmo separados, ajudam-se, mutuamente, sem alianças de ambas as partes.

No Estado Novo (1937 a 1945), a maior preocupação da educação girava em torno da formação profissional, militar e a formação de “individualidades condutoras”<sup>28</sup>.

Na constituição de 1937, o artigo 133 diz que:

<sup>25</sup> FÓRUM, 1998, p. 13-14.

<sup>26</sup> NERY, J. J. O ensino religioso escolar no Brasil (ERE) no contexto da história e das leis. *Revista de educação*. Brasília: AEC do Brasil, v. 22, n. 88, 1993, p. 11.

<sup>27</sup> FÓRUM, 1998, p. 14.

<sup>28</sup> FIGUEIREDO, 1996, p. 11-12.

O Ensino Religioso poderá ser contemplado como matéria do curso ordinário das escolas primárias, normais e secundárias. Não poderá, porém, constituir objeto de obrigação dos mestres ou professores, nem frequência compulsória por parte dos alunos.<sup>29</sup>

Com isso, o Ensino Religioso perde assim seu caráter de obrigatoriedade, por parte dos professores e mestres, e não exige presença obrigatória dos alunos.

No terceiro período republicano (1946 a 1964), o regime liberal é introduzido no país e traz euforia e desenvolvimento. O Ensino Religioso é contemplado como dever do Estado para com a liberdade religiosa do cidadão que frequenta a escola. Com a regulação dos dispositivos constitucionais da LDB de 40/24/61, introduz-se elemento novo, o que reduziu o espaço do Ensino Religioso; este recebe um tratamento de componente da educação, mas fica fora do sistema escolar; assim, a responsabilidade do Estado é retirada para com os professores de Ensino Religioso. Os professores passam a ser discriminados, sem garantia de seus direitos como profissionais da educação, mediante o enunciado do artigo 97 da mesma lei: “sem ônus para os cofres públicos.”<sup>30</sup>

No período do regime militar (1964 a 1984), pelos avanços tecnológico alcançados pela sociedade, torna-se obrigatório, do ponto de vista epistemológico, o Ensino Religioso na escola, pois ela concede aos alunos o direito de optarem pela frequência ou não no ato da matrícula.

Começa, nesse período, a busca da identidade do Ensino Religioso. Não há ainda clareza de seu papel específico no ambiente escolar, mas se abre espaço de renovação da prática pedagógica em relação a esse conteúdo na escola. Vários setores da sociedade se prontificam, na tentativa de superar as inúmeras dificuldades presentes no processo de legislação e prática de Ensino Religioso. “Dificuldades estas que se acrescentam às anteriores e se somam àquelas consequentes da busca da nova concepção metodológica para tal ensino, cuja reflexão e espaço de construção de um novo imaginário foi ganhando espaço nas últimas décadas”<sup>31</sup>.

A função do Ensino Religioso “é de educar a dimensão religiosa do aluno e do professor desenvolvendo os valores humanos de forma integrada com todo o processo educativo”<sup>32</sup>. Sendo assim, a religiosidade não deve ser reprimida e nem desfigurada, mas educada e enriquecida na escola.

---

<sup>29</sup> GRUEN, 1995, p. 56.

<sup>30</sup> FIGUEIREDO, 1996, p. 11-12.

<sup>31</sup> FIGUEIREDO, 1996, p. 12-14.

<sup>32</sup> CNBB, Conselho Nacional dos Bispos do Brasil, 1996, p. 38.

As definições da identidade do Ensino Religioso exigiram anos de prática e estudos. Realizaram-se Encontros Nacionais de Ensino Religioso (ENER), os quais foram de grande contribuição; estes continuaram acontecendo, desde 1974, a cada dois ou três anos, o que facilitava a percepção das variedades de situações e experiências, “possibilitando uma reflexão, que levava a clarear cada vez mais os conceitos e a indicar caminhos”<sup>33</sup>. Com a aprovação do documento da Catequese Renovada, número 26, pela CNBB, temos a “diferença e complementaridade entre Ensino Religioso Escolar e Catequese”.

#### 1.4 O Ensino Religioso na Constituição de 1988

Desde a primeira constituição de 1824, que foi promulgada no Brasil império, até a constituição de 1988, o Ensino Religioso é tido como um problema para a maioria dos legisladores, devido à diversidade de religiões que compõe a nossa cultura. Além disso existem outros interesses ideológicos em jogo. No decorrer da elaboração da constituição de 1988, “ocorreu um debate sobre o Ensino Religioso no qual se ouviu a opinião de alguns educadores que eram contrários a sua aplicabilidade nas escolas públicas”<sup>34</sup>. A introdução do Ensino Religioso no currículo das escolas públicas não era bem aceito por alguns setores da sociedade, pelo fato de privilegiar alguns grupos e outros não. Essas discussões geraram diversos impasses em torno do tema. Para atenuar esses conflitos, a constituição de 1988 promoveu as seguintes mudanças:

O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurando o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.<sup>35</sup>

É importante salientar que esse artigo sofreu uma alteração em 1997, no que diz respeito à expressão “sem ônus aos cofres públicos”<sup>36</sup>, ou seja, havia uma polêmica correlação com a remuneração dos professores no artigo anterior; nesse sentido, o Estado não se responsabilizava em efetuar salários aos profissionais da área do Ensino Religioso. Para Carneiro, “a expressão sem ônus foi retirada do texto, abrindo-se a possibilidade de os Estados remunerarem os professores”<sup>37</sup>. Observamos, assim, que a não remuneração aos

<sup>33</sup> CNBB, 1996, p. 39.

<sup>34</sup> FERNANDES, Madalena S. Fernandes. *Afinal o que é o ensino religioso?* São Paulo: Paulus, 2000, p. 23.

<sup>35</sup> CARNEIRO, Moacir Alves, *LDB fácil*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 113.

<sup>36</sup> CARNEIRO, 2008, p. 113.

<sup>37</sup> CARNEIRO, 2008, p. 114.

professores do ensino religioso foi caracterizada como um descaso junto aos educadores, devido à insignificância acadêmica da disciplina. No entanto, isso foi superado ao longo do tempo, principalmente com a nova constituição de 1988; mesmo assim, com todas as garantias constitucionais asseguradas, o ensino religioso ainda padece de algum tipo de preconceito; porém, muito lentamente, vem ganhando espaço nos meios acadêmicos. É importante frisar que a disciplina do Ensino Religioso, na constituição de 1988, adota uma nova metodologia e uma pedagogia que permite o diálogo interdisciplinar, tendo como viés a prática da alteridade, tendo em vista que “o Ensino Religioso deverá buscar a oferta de subsídios para que o jovem vá elaborando o processo de construção de sua espiritualidade, partindo do princípio da ética e da alteridade”<sup>38</sup>. Essa nova metodologia incorporada à pedagogia do Ensino Religioso permite que haja um diálogo com múltiplas culturas, sem que haja qualquer tipo de proselitismo; “além disso, a possibilidade do diálogo inter-religioso está ancorada num dos valores da modernidade: o diálogo entre os sujeitos e o reconhecimento da legitimidade destes”<sup>39</sup>. Desse modo, em razão do seu grau de importância, faz-se necessário demonstrar, para todos os grupos em geral, a importância e a relevância do Ensino Religioso na construção de um cidadão que é parte de uma sociedade, que carrega no seu interior valores que irão influenciar sua vida pessoal e o futuro do seu país.

Faculdade Unida de Vitória

---

<sup>38</sup> CARNEIRO, 2008, p.114

<sup>39</sup> SANCHEZ, Wagner Lopes. *Pluralismo religioso: as religiões do mundo atual*. São Paulo: 2005, p. 39.

## 2 O ENSINO RELIGIOSO E OS DESAFIOS DO MULTICULTURALISMO RELIGIOSO NAS ESCOLAS

O Ensino Religioso está diante de imensos desafios no que se refere ao universo escolar, pelo fato de ser ambiente de múltiplas religiosidades; diante disso, importa atentarmos para a importância do Ensino Religioso na construção da cidadania, com o fim de entendermos se o Ensino Religioso pode simetricamente e epistemologicamente contribuir para a construção da cidadania, em um ambiente plural e diversificado. Ao se levar em consideração os aspectos do Art. 33, da Lei de nº 9.475 de 25 de julho de 1997, que assegura: “o Ensino Religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante de formação básica do cidadão”<sup>40</sup>. Com a mudança desse artigo, o Ensino Religioso terá o desafio de adotar uma nova metodologia pedagógica que seja capaz de desenvolver indivíduos autocríticos, para possibilitar a eles o exercício da verdadeira cidadania. É importante ressaltar que o Ensino religioso esteve sob o domínio da Igreja Católica durante muito tempo, como instrumento de uma missão evangelizadora. Passos alega que:

Ao longo da história, essa área de estudo esteve quase sempre sob o controle da igreja Católica, enquanto instituição religiosa hegemônica, e seguiu, pois, os parâmetros catequéticos, teológicos e pedagógicos da igreja, mesmo quando um ‘modelo moderno’ concretizou-se, tendo como base o respeito às diferenças religiosas existentes no interior das escolas.<sup>41</sup>

Anísia de Paulo Figueiredo ressalta que o “Ensino Religioso é ainda compreendido por muitos setores envolvidos na questão como elemento eclesial no ambiente escolar, onde [sic] na visão de alguns educadores é um elemento estranho ao sistema de ensino”.<sup>42</sup> São notórios o estigma e o preconceito para com o Ensino Religioso por parte da maioria das escolas e de alguns educadores; esse é sem dúvida um dos desafios a serem superados pelo Ensino Religioso diante do contexto das escolas brasileiras. Nessa perspectiva, Passos alega que “o Brasil possui, hoje, uma considerável pluralidade de modelo de ER”<sup>43</sup>. Por ser o Brasil um país de múltiplas religiosidades, isso demanda uma metodologia pedagógica que atenda às mais variáveis expressões religiosas representadas pelos alunos em suas escolas.

---

<sup>40</sup> CARNEIRO, 2008, p. 113.

<sup>41</sup> PASSOS, 200, p. 16.

<sup>42</sup> FIGUEIREDO, 1994, p. 23.

<sup>43</sup> PASSOS, 2007, p. 16.

## 2.1 Pluralismo religioso na escola e os desafios pedagógicos

A pluralidade religiosa é o resultado de um percurso histórico e o somatório de diversas práticas religiosas que foram assimiladas pelo povo, as quais foram incorporadas ao cotidiano da cultura brasileira, de maneira a criar um mosaico das mais diversas religiões. Esse mosaico religioso é representado pelas alunas, a inúmeras escolas espalhadas no Brasil. Diante dessa pluralidade, é necessário, segundo Sanchez, “reconhecer que todas as religiões têm legitimidade, porque expressam as diferentes formas humanas de aproximação do mistério fundante da vida”<sup>44</sup>. Por ser a escola um espaço democrático, passa a ser, portanto, o lugar adequado para as discussões de ideias e de aprendizado. O pluralismo religioso traz consigo novas oportunidades pelas quais nos é permitido superar a nossa própria ignorância no que se refere ao diferente. Porém é importante enfatizar que isso só será possível por meio do diálogo, pois esse recurso possibilitará que as diferenças sejam respeitadas. Além disso, devemos considerar que “uma das primeiras experiências que vivemos no início de nossas vidas é, justamente, a de que somos diferentes das outras pessoas e do mundo”<sup>45</sup>. Por ser a religião algo da subjetividade humana, é preciso que haja o respeito e a prática da alteridade por parte de todos os indivíduos que representam os mais variados segmentos religiosos. Conforme Sanchez:

A prática da alteridade viabiliza a convivência pacífica entre as mais variadas culturas religiosas, e a possibilidade do respeito mútuo. A descoberta da alteridade, portanto, é, antes de tudo, a experiência da diferença. Este é o núcleo central das culturas: a existência das diferenças. A consciência da existência da diferença possibilita à pessoa e à cultura estabelecer, em meio às diversas contradições e conflitos, a sua identidade.<sup>46</sup>

Uma vez que o diferente é respeitado, ele é legitimado como possuidor de uma identidade e valores éticos e morais, obviamente, pelo fato de ser humano, e não por suas subjetividades, pois o que está em jogo é a dignidade da pessoa humana. Dialogar com o diferente no campo religioso só será possível em um espaço democrático, e a escola é o lugar ideal para viabilizar essas discussões, por ser um ambiente que agrega as mais diversas convicções religiosas. Portanto é necessário um método pedagógico que seja capaz de despertar esses alunos para a importância do Ensino Religioso na sua formação acadêmica e cidadã. Para que isso aconteça, é necessária a superação de alguns desafios como formar

<sup>44</sup> SANCHEZ, Manfredo Carlos et al. *Ensino Religioso e práticas educativas*. São Leopoldo: 2005, p. 13.

<sup>45</sup> SANHCEZ, 2005, p. 16.

<sup>46</sup> SANCHEZ, 2005, p. 17.

professores à altura das demandas contemporâneas, pois há, segundo Passos, “ausência de uma diretriz nacional explícita sobre a formação de docente para o ER [...], pelos órgãos gestores do Ministério da Educação”.<sup>47</sup> Enquanto as autoridades competentes da educação ignorarem a formação de professores para o Ensino Religioso, a aprendizagem das nossas alunas na área da ciência religiosa estará epistemologicamente comprometida. Tendo a consciência de que a religião como ciência agrega os mais variáveis ramos das ciências humanas, é lamentável, em pleno século XXI, ver o Ensino Religioso ser tratada com descaso por parte das autoridades da educação deste país. Vivemos em um país religioso que demanda um conhecimento mais profundo a respeito da sua importância na formação de um cidadão. De acordo com Frank Usarski:

A ciência da Religião é virtualmente irrestrita quanto aos fenômenos considerados por ela dignos de investigação. Aproxima-se de seus objetos por interesse primário isento de motivos apologéticos ou missionários. A consciência da ‘relatividade’ e a postura de um ‘não-etnocentrismo’ diante das expressões múltiplas no mundo religioso, ‘a capacidade potencial de abstração religiosa de si mesmo’ e ‘indiferença’ a respeito das contraditórias pretensões da verdade com as quais o pesquisador é confundido na realização de seus projetos, são competência chave que caracterizam a Ciência da Religião.<sup>48</sup>

Esse será sem dúvida um dos grandes desafios do Ensino Religioso: posicionar-se como Ciência relevante no currículo nacional de ensino, pelo fato de existir poucas instituições federais que oferecem curso de graduação na área do Ensino Religioso. Existe uma falha que precisa urgentemente ser reparada: a “Ciência da Religião carece de urgência nacional de todas as instituições para ser enquadrada como ciência como no caso das demais áreas do conhecimento”<sup>49</sup>. O reconhecimento parcial do Ensino Religioso como ciência vem, em parte, comprometendo epistemologicamente a formação das alunas, em razão dessa indefinição. É importante enfatizar que a “formação básica do cidadão aguarda a formação básica dos docentes de ER para que esta disciplina possa efetivar-se como prática educativa legítima e comum no currículo e na vida dos educandos”<sup>50</sup>. No entanto, o que se vê na prática é uma indiferença desde o Brasil colônia até aos dias de hoje, pois já ocorreram diversas mudanças na LDB, no que se refere ao Ensino Religioso, mas este ainda continua como disciplina de segundo escalão. É preciso um maior envolvimento da elite acadêmica para que se possa conceder o devido valor à disciplina do Ensino Religioso; essa atitude possibilitará uma melhor aceitação por parte dos discente e dos docentes.

<sup>47</sup> PASSOS, 2007, p. 17.

<sup>48</sup> USARSKI, Frank. *Constituintes da Ciência da Religião*. São Paulo: 2006, p. 17.

<sup>49</sup> PASSOS, 2007, p. 23.

<sup>50</sup> PASSOS, 2007, p. 23.

O pluralismo Religioso é o resultado de profundas mudanças provocadas pela modernidade, pois ela provoca “ruptura de um mundo encantado, em que a religião não é mais a referência última para a sua compreensão do mundo”<sup>51</sup>. É importante observar que a modernidade está relacionada ao triunfo da razão sobre o teocentrismo, ou seja, a igreja reinava triunfantemente por intermédio da religião até o momento em que a razão ganhou notoriedade com a chegada da modernidade. “A ideia de modernidade substitui Deus no centro da sociedade pela ciência, deixando as crenças religiosas para a vida privada”<sup>52</sup>. Essa foi de fato uma mudança bastante significativa, promovida pela modernidade, no que se refere à privatização da vida religiosa das pessoas. Essa mudança deu ao mesmo tempo autonomia e direito de escolha aos indivíduos, para tomarem novos rumos, no que diz respeito ao seu destino. Alain Touraine afirma que:

A ideologia ocidental da modernidade que podemos chamar de modernismo substitui a ideia de Sujeito e a Deus à qual ela se prendia, da mesma forma que as meditações sobre a alma foram substituídas pela dissecação dos cadáveres ou o estudo das sinapses do cérebro. Nem a sociedade, nem a história, nem a vida individual, dizem os modernistas, estão submetidas à vontade de um ser supremo a qual se pode agir pela magia. O indivíduo só está submetido às leis naturais.<sup>53</sup>

O espírito da modernidade destrói parte da magia da religião; a igreja deixa de ser o paradigma para as tomadas de decisões, tanto no âmbito pessoal quanto no coletivo. O sujeito moderno passa a ser detentor e senhor de suas próprias vontades; a modernidade permitiu que o indivíduo viesse pensar e agir de forma diferente. “A sociedade substitui Deus como princípio do juízo moral e se torna muito mais do que um objeto de estudo”<sup>54</sup>. A sociedade medieval era regida por um Deus vingativo, punidor, momento em que não se poderia questionar o porquê daquelas atitudes violentas praticadas pela igreja, que se apresentava como representante de Deus. Com o mundo secularizado, esse indivíduo ganhou autonomia e poder para realizar suas escolhas, e fazer seus questionamentos. É importante demonstrar que pluralidade religiosa só é possível no estado democrático e de direito; isso viabiliza esses indivíduos a exercerem sua verdadeira cidadania. Portanto, o pluralismo religioso depende da existência de determinadas visões de Estado, de sociedade, de indivíduo e da religião para que façam da diversidade um dado fundamental das relações sociais<sup>55</sup>. A quebra do monopólio e a ruptura com a instituição religiosa foram o início da autonomia do sujeito, pois ele passa a

<sup>51</sup> SANCHEZ, 2005, p. 36.

<sup>52</sup> TOURAINE, Elain. *Crítica da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 18.

<sup>53</sup> TOURAINE, 1998, p. 20.

<sup>54</sup> TOURAINE, 1998, p. 24.

<sup>55</sup> SANCHEZ, 2005, p. 39.

observar o mundo em sua volta com uma postura de crítica e de autocrítica; ele deixa de ser passivo para se tornar o autor de várias mudanças do mundo em que vive. “O ser humano moderno, ao olhar o mundo, já não absolutizava a dimensão religiosa e, portanto, observa a realidade fora dos limites impostos pelo religioso medieval”<sup>56</sup>. A pluralização no campo religioso provocou mudanças comportamentais nesse sujeito moderno, pois ele começa a interagir e a dialogar com o diferente, a se desprender das ideias tidas como absolutas e passa a relativizá-las; assim, sua cosmovisão religiosa sofre profundas mudanças. Sanchez alega que “Essa pluralização das visões, valores e práticas religiosas é concomitante com outra pluralização de outras visões e valores de fundo não religioso”<sup>57</sup>. Pluralismo religioso só foi possível devido à secularização do estado, ou seja, a separação entre este e a Igreja. Nesse novo momento da história, o Estado passou a exercer uma postura laica e neutra para garantir a igualdade de direito entre os diferentes, em que todos podem expor suas “verdades” sem que sejam censurados. Habermas alega que:

O Estado que protege de igual modo todas as formas religiosas de vida, não pode obrigar os cidadãos religiosos a levarem a cabo, na esfera pública política, uma separação estrita entre argumentos religiosos e não-religiosos quando, aos olhos deles, esta tarefa pode constituir um ataque à sua identidade pessoal. O Estado liberal não pode transformar a exigida separação institucional entre religião e política numa sobrecarga mental e psicológica insuportável para os seus cidadãos religiosos. Entretanto, eles devem reconhecer que o princípio do exercício do poder é neutro do ponto de vista das visões de mundo.<sup>58</sup>

Conforme as afirmações de Habermas a neutralidade do Estado é fundamental para a manutenção dos direitos entre as diversas cosmovisões dos seus cidadãos. Pela importância de um Estado laico, é preciso que todos os cidadãos sejam conhecedores dos seus direitos, deveres, das leis que os regem; afinal, o processo da cidadania só é possível pelo viés da educação, pois esta levará esse indivíduo a tomar conhecimento dos seus direitos e deveres, para que, democraticamente, possa conviver com o diferente. Habermas alega que, para esse indivíduo entender sua própria cosmovisão, é necessária uma capacidade “epistêmica”<sup>59</sup>. Isso significa dizer que os indivíduos necessitam de uma educação que seja capaz de possibilitar a eles uma postura crítica e autocrítica diante do mundo que vivem. Diante desse entendimento, esse indivíduo passará a reconhecer e respeitar o diferente, sem que haja uma postura indiferente, e, ao mesmo tempo, desenvolver uma postura de alteridade.

---

<sup>56</sup> SANCHEZ, 2005, p. 41.

<sup>57</sup> SANCHEZ, 2005, p. 42.

<sup>58</sup> HABERMAS, 2007, p. 147.

<sup>59</sup> HABERMAS, 2007, p. 147.

Diante do que foi discutido a respeito da religião, da pluralidade e da laicidade do Estado como garantidoras dos direitos dos cidadãos de ir e vir, surge um novo desafio pedagógico: a inclusão do Ensino Religioso nos currículos escolares como uma disciplina epistêmica que seja capaz de formar cidadãos que sejam capazes de atuarem com autonomia no mundo em que vivem. Um dos desafios a ser superado pelo Ensino Religioso é a sua insignificância pedagógica nos meios acadêmicos na sociedade contemporânea. Para Norbert Mette, “a educação e a formação religiosa, para muitos contemporâneos, tornou-se questionável [com relação] a sua presença em sala de aula, em que realmente consistem seus objetivos e tarefas e como essa deve se suceder [sic]”<sup>60</sup> Esse será, sem dúvida, um dos maiores desafios a ser superado do ponto de vista pedagógico: a inclusão do Ensino Religioso como definitivo nos currículos escolares como uma disciplina de cunho científico. Isso acontece pelo descaso que a sociedade contemporânea tem pela religião; essa indiferença é o resultado principalmente da insignificância que o Ensino Religioso representa nos núcleos familiares. Para Mette:

O enfraquecimento do contato com a igreja e a retirada da educação religiosa de muitas casas de família têm consequências graves: as chances de crianças e jovens experimentarem uma religiosidade vivenciada são fortemente reduzidas; para muitos, a fé se tornou verdadeiramente ‘invisível’ [...]. Com a perda de significado da religião na geração mais jovem e o esforço cada vez menor dos pais na educação religiosa, desaparece também o saber religioso e o que é mais importante – o vocabulário, a capacidade de expressar situações e pensamentos religiosos; em parte, a fé se torna aqui não apenas invisível, mas também afônica.<sup>61</sup>

Conforme essas observações de Mette, a participação da família na formação religiosa dos filhos, até certo período da história, era uma prática rotineira; porém, nos dias atuais, essa prática está praticamente em extinção, e a consequência disso é refletida no cotidiano das escolas, caracterizada pela indiferença dos alunos e despreparo dos professores para com o Ensino Religioso. Diante desse fato, surge a pergunta: que práticas pedagógicas as escolas e professores devem adotar, para que o Ensino Religioso seja atraente? Segundo Gruen “A pedagogia da religião deve ter por objetivo proporcionar ao aluno experiência, informações e reflexões que ajudem a cultivar uma atitude dinâmica”<sup>62</sup>. Essa nova metodologia pedagógica, uma vez incorporada ao Ensino Religioso, possibilitará a essa aluna contemporânea a capacidade para interagir e dialogar com os diferentes grupos, sem perder a sua identidade religiosa.

<sup>60</sup> METTE, Norbert. *Pedagogia da Religião*. Petrópolis: 1994, p. 13.

<sup>61</sup> METTE, 1994, p. 18.

<sup>62</sup> GRUEN, 1994, p. 82

## 2.2 A ética e alteridade no Ensino Religioso e sua importância como um elemento constituinte da cidadania

Diante das múltiplas expressões religiosas em um ambiente escolar, é necessária uma ética que seja capaz de promover um diálogo com o diferente, com o objetivo de celebrar a unidade na diversidade. Ser ético no contexto da modernidade, em um ambiente escolar, requer uma postura de alteridade, ou seja, ter a capacidade de se colocar no lugar do semelhante. “A alteridade faz o ser humano romper com sua egolatria e egologia imergindo na vivência da alteridade. Viver humanamente é saber viver na alteridade”<sup>63</sup>. Isso implica dizer que não devemos ter um olhar preconceituoso para com o diferente, e que não temos o direito de impor as nossas subjetividades como verdades absolutas. Viver na alteridade é reconhecer a alteridade, a diferença absoluta do outro<sup>64</sup>. Diante dessas verdades, notamos a importância do Ensino Religioso.

Nas aulas de Ensino Religioso nós nos deparamos com a multiplicidade cultural, com diversas manifestações do fenômeno religioso e com modos e jeitos próprios de cada ser presente na sala de aula. Precisamos pensar o ensino do Ensino Religioso nas escolas como uma prática, um exercício do encontro dos diferentes nas suas diferenças. É na sala, como um lugar, como um habitar, que realizamos o encontro e a hospitalidade das mentes e crenças multiculturais. É através do ensino do Ensino Religioso nas escolas que nossos estudantes aprendem a abrir as portas e janelas do mundo.<sup>65</sup>

Diante dessa dimensão da diversidade, e da pluralidade cultural, o professor do Ensino Religioso deve adotar uma postura de alteridade na sala de aula e ser capaz de se enquadrar diante dessa nova realidade contemporânea. “A sala de aula é de fato um lugar da multiplicidade, mas há sempre uma tentativa de homogeneidade, e isso é desrespeitoso e agressivo. É na escola que a diversidade cultural é sufocada, pois o diálogo não se exercita”<sup>66</sup>. O espaço de uma escola é o lugar onde a alteridade precisa ser exercida, de maneira que viabilize a integração do diferente. Para que isso aconteça, é necessário que a escola propicie esse momento, pois é um espaço capaz de promover o diálogo, por ser o lugar de múltiplas culturas. Para Camargo, “o ambiente escolar objetiva ser o espaço onde a socialização dos conhecimentos historicamente elaborados pela humanidade deve possibilitar a inserção do

<sup>63</sup> CAMARGO, Cesar da Silva et al. *Terra e alteridade: pesquisas e práticas pedagógicas em ensino religioso*: São Leopoldo: Nova Harmonia, 2007, p. 24.

<sup>64</sup> CAMARGO, 2007, p. 24.

<sup>65</sup> CAMARGO, 2007, p. 56-57.

<sup>66</sup> CAMARGO, 2007, p. 125.

educando no dia a dia das questões sociais marcantes em universo cultural maior”<sup>67</sup>. Isso significa que a sala de aula deveria propiciar o rompimento dos preconceitos e viabilizar a inserção de outros valores, como parte integrante da formação religiosa e pessoal do outro.

O ambiente escolar é o local onde se encontram todas as diferenças possíveis. Estando em sala de aula, todo o educando carrega consigo tudo o que é, o que sente, o que crê, o que sonha. A religiosidade do educando está presente no ser que está aí. O desafio da educação está em acolher esse ser como ‘outro’ e não como mais um, enfrentando o risco da universalização de massas, onde ‘Eu sou mais um’.<sup>68</sup>

Por ser a escola um espaço que promove o diálogo com os diferentes públicos, de diversas abordagens religiosas, é preciso que haja uma postura de alteridade. É necessário que haja uma “articulação entre educação, alteridade e dialética, um projeto político-pedagógico em que afrodescendentes e brancos, homens e mulheres, patrícios e estrangeiro salvaguardam suas características culturais”<sup>69</sup>. Portanto, desenvolver a cultura da alteridade em um ambiente escolar é algo que irá proporcionar a formação de uma geração de indivíduos capazes de conviver e aceitar o diferente. Essa atitude poderá abrir caminhos para o surgimento de indivíduos cada vez mais cidadãos.

Educar para a cidadania é algo que o Ensino Religioso se propõe; no entanto, para Passos, “a educação do cidadão é um processo que inclui múltiplos aspectos, inclusive o religioso, sendo este último um dado antropológico e social presente na história da humanidade”<sup>70</sup>. Por ser o indivíduo composto de múltiplos aspectos, movido por forças instintivas e desconhecidas, ele precisa, de fato, ser educado para melhor se posicionar na sociedade como cidadão.

Cidadão é, portanto, a pessoa que tem consciência de seus direitos e deveres humanos e participa ativamente de todas as questões da sociedade. Um cidadão com sentido ético forte e consciência de cidadania não abre mão desse poder de participação. Uma sociedade democrática é uma relação entre cidadãos e cidadãs. É aquela que estimula e se fundamenta na autonomia, independência, diversidade de pontos de vistas e, sobretudo na ética. Ética, nesse sentido, como um conjunto de valores ligados à defesa da vida e ao modo como as pessoas se relacionam e se organizam, respeitando as diferenças e defendendo a igualdade de acesso aos bens coletivos.<sup>71</sup>

O Ensino Religioso tem como objetivo formar indivíduos capazes de se posicionar criticamente, independente do seu contexto religioso ou da sua confissão de fé. No entanto, o

<sup>67</sup> CAMARGO, 2007, p. 241.

<sup>68</sup> CAMARGO, 2007, p. 244.

<sup>70</sup> CAMARGO, 2007, p. 170.

<sup>70</sup> PASSOS, 2007, p. 33.

<sup>71</sup> BURITY, Joanildo. *Religião e cidadania*. São Cristóvão-SE, 2001, p. 99-100.

Ensino Religioso no contexto de várias escolas não passa de uma disciplina catequética. Entendemos que a escola é o espaço de construção de conhecimento e principalmente de socialização do conhecimento historicamente produzido e acumulado, e que “a educação visa unicamente à formação do humano como ser que não nasceu pronto e pode ser mais do que aquilo que recebeu ao nascer”<sup>72</sup>. Diante dessa observação, é que podemos afirmar que a educação no âmbito religioso tem a relevância de contribuir, de forma crítica, com a formação desse indivíduo, ou seja, este terá a capacidade de tomar as suas decisões de forma consciente sem se deixar ser influenciado negativamente por ideologias religiosas contrárias as suas convicções.

Entende-se também que a escola é o lugar de construção dos conhecimentos historicamente produzidos e acumulados. Como todo conhecimento humano é sempre patrimônio da humanidade, o conhecimento religioso deve também estar disponível a todos os que a ele queiram ter acesso. Portanto quando o Ensino Religioso é assumido como elemento integrante do currículo a ser operacionalizado no espaço escolar propiciando elementos informativos e contribuindo para o desenvolvimento harmonioso dos estudantes pretende-se uma educação integral, gerando compreensão maior do ensino- aprendizagem.<sup>73</sup>

A escola é lugar ideal para se buscar o entendimento e a aprendizagem dos fenômenos religiosos, pela via cognitiva. É na escola que o Ensino Religioso é submetido ao crivo da razão. Isso favorece uma melhor apreensão e compreensão dos valores de cada indivíduo que manifesta a sua religiosidade no ambiente escolar. Dessa forma, o Ensino Religioso é uma das ferramentas capaz de contribuir para evolução racional e social do indivíduo, no intuito de contribuir para uma sociedade mais cidadã. “Na lógica da evolução social, a religião aparece como expressão da racionalidade, e, portanto, como mecanismo vital no desenvolvimento da capacidade humana de conhecimento”<sup>74</sup>. É preciso ressaltar que o ser humano é precedido de subjetividade, e que, em alguns momentos da sua existência, é movido pelas suas emoções; isso é característico dele. No entanto, é preciso habilidades para o indivíduo lidar com esses sentimentos, pois as tensões e os conflitos religiosos acontecem por influência dessas emoções. A religião é carregada de vários elementos e conteúdos emotivos que facilmente interferem no comportamento. Segundo Araujo, “a racionalização religiosa é, sem dúvida, um caso particular, e, no entanto, fundamental, na formação do potencial cognitivo de uma sociedade, potencial necessário para a superação dos desafios evolutivos por

<sup>72</sup> FERNANDES, 2000, p. 34.

<sup>73</sup> JUNQUEIRA, 2002, p. 96.

<sup>74</sup> ARAUJO, Luiz Bernado leite. *Religião e Modernidade em Habermas*. São Paulo, Loyola: 1996, p. 50.

ela encontrado”<sup>75</sup>. Assim, fica evidente que o Ensino Religioso abre espaço para que as múltiplas culturas dialoguem entre si. O diálogo possibilitará uma oportunidade para que as diferenças sejam superadas, sem que haja qualquer tipo de superioridade entre as culturas. No entanto, para que haja aceitação e o convívio pacífico entre as diferentes culturas, é preciso que a alteridade seja colocada em prática.

O duplo fenômeno da unidade e da diversidade das culturas é crucial. A cultura mantém a identidade humana naquilo que tem de específico; as culturas mantêm as identidades sociais naquilo que têm de específico. As culturas são aparentemente fechadas em si mesmas para salvaguardar sua identidade singular. Mas, na realidade, são também abertas: integram nelas não somente os saberes e as técnicas, mas também as ideias, os costumes, os alimentos, os indivíduos vindos de fora; as assimilações de uma cultura a outra são enriquecedoras.<sup>76</sup>

Aceitação e a assimilação das múltiplas culturas não significa a perda da nossa própria identidade cultural ou religiosa; muito pelo contrário, isso só agrega mais valores e novos aprendizados. A junção dessas multiculturas favorece a sua preservação. Segundo Morin, “a desintegração de uma cultura é uma perda para toda a humanidade, cuja diversidade cultural constitui um dos mais preciosos tesouros. O ser humano é, ao mesmo tempo, singular e múltiplo”<sup>77</sup>. É importante enfatizar que essa capacidade múltipla é uma característica individual do ser humano que precisa ser considerada e respeitada no cenário do ensino religioso; porém, os conteúdos da disciplina do Ensino Religioso, ensinado em algumas escolas, não condizem com essa dimensão múltipla dos alunos. Nesse sentido, o conteúdo que é transmitido em algumas instituições de ensino tem mutilado a diversidade e suprimido outras culturas. Esse é um modelo de ensino catequético que “anula” a capacidade racional e as subjetividades de alunas de outras confissões religiosas; esse fato tem provocado tensões e sérios conflitos com outras confissões religiosas. Ressaltamos que o Ensino Religioso deve contemplar, sem nenhum tipo de preconceito, toda forma de cultura religiosa em uma sala de aula. Assim, uma vez que essas diferentes culturas são assimiladas em uma perspectiva racional, isso viabilizará o espaço para o diálogo, e evitará que haja proselitismo ou catequese.

Para Morin, “o ser humano é um ser racional e irracional, capaz de medida e desmedida; sujeito de afetividade intensa e instável”<sup>78</sup>. Essas singularidades são inerentes ao ser humano; dessa forma, não podemos esquecer que o indivíduo é movido por sua cultura e suas subjetividades, por ser uma característica de todo ser humano. Segundo Morin:

---

<sup>75</sup> ARAUJO, 1996, p. 51.

<sup>76</sup> MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo, Cortez, 2012, p. 51.

<sup>77</sup> MORIN, 2012, p. 52.

<sup>78</sup> MORIN, 2012, p. 53.

A educação deveria mostrar e ilustrar o destino multifacetado do humano: o destino da espécie humana, o destino individual, o destino social, o destino histórico, todos entrelaçados e inseparáveis. Assim, uma das vocações essenciais da educação do futuro serão o exame e o estudo da complexidade humana. Conduziria à tomada de conhecimento, por conseguinte, de consciência, da condição comum a todos os indivíduos, dos povos, das culturas, sobre nosso enraizamento como cidadãos da terra.<sup>79</sup>

Isso demonstra que a educação é um instrumento capaz de promover o diálogo, e tem, por objetivo, promover a convergência da pluralidade, sem que haja a perda de suas identidades. Diante de ambiente ambivalente (a escola), o Ensino Religioso, dotado de uma visão fenomenológica, terá um papel importantíssimo para promover uma discussão que seja capaz de aceitar o diferente como parte do todo. O contexto atual não permite uma postura fundamentalista, mas uma postura de alteridade que permita o diálogo. “O planeta exige pensamento policêntrico que seja capaz de apontar o universalismo, não abstrato, mas consciente da unidade/diversidade da condição humana [...] educar para este pensamento é a finalidade da educação do futuro”<sup>80</sup>. Isso quer dizer que o caminho para a formação de uma sociedade cidadã e ética passa pelo viés do ensino religioso, no sentido mais amplo da palavra, e desprovido de qualquer prática catequética ou confessional. A contemporaneidade não aceita uma postura unilateral, tampouco um comportamento ortodoxo; o momento é o de diálogo e de respeito. Nesse sentido, é necessário que haja por parte de todos os indivíduos uma postura cidadã, e de autocrítica; essa prática nos leva a desenvolver uma consciência humanitária e plural sem que haja perda da singularidade. Morin afirma: “a consciência de nossa humanidade deveria conduzir-nos à solidariedade e à comiserção recíproca, de indivíduo para indivíduo, e de todos para todos. A educação do futuro deverá ensinar a ética da compreensão”<sup>81</sup>. Fica evidente, assim, que a educação no âmbito do ensino religioso é capaz de promover o desenvolvimento de uma consciência plural e solidária que seja capaz de dialogar com o diferente e promover a superação das divergências culturais e ideológicas.

O processo da construção da cidadania depende, também, da postura receptiva e liberal dos indivíduos envolvidos nesse processo. Essa atitude viabiliza um comportamento solidário que possibilitará o respeito e a aceitação de cosmovisões diferentes. O Ensino Religioso é um dos mecanismos que poderá contribuir efetivamente na construção da cidadania, se adotar uma postura liberal, no sentido de que todos possam se expressar de forma democrática sem que haja atitudes fundamentalistas, por parte de qualquer segmento

---

<sup>79</sup> MORIN, 2012, p. 54.

<sup>80</sup> MORIN, 2012, p. 56.

<sup>81</sup> MORIN, 2012, p. 68.

religioso. Para Habermas, “modos de pensar fundamentalistas não conciliam com a mentalidade a ser compartilhada por um grande número de cidadãos quando pretendem manter-se coesa”<sup>82</sup>. Nessa perspectiva, ter uma postura fundamentalista, em uma sociedade plural, pode comprometer o espaço para o diálogo, e, ao mesmo tempo, inviabilizar a convivência em sociedade. Para evitar que isso ocorra, é necessário que o Ensino Religioso ganhe cada vez mais visibilidade nas discussões pedagógicas; isso possibilitará que a coesão e o diálogo entre os indivíduos sejam possíveis, diante de um ambiente plural. Habermas alega que “[...] os cidadãos têm de aprender a relacionar, de modo reflexivo e compreensível, suas próprias convicções de fé”<sup>83</sup>. Isso significa afirmar que as convicções de alguém que professa outras confissões religiosas precisam ser respeitadas, compreendidas. Desse modo, fica evidente que o Ensino Religioso desprovido de qualquer ideologia confessional ou de postura catequética contribuirá grandemente para promover a cidadania entre os diferentes grupos multiculturais. Esse é, portanto, o papel do Ensino Religioso. De acordo com Passos, “ensina-se religião para se ter maior consciência de seu significado na vida do indivíduo e, também, de sua função na sociedade”<sup>84</sup>. Dessa maneira, podemos perceber que o papel fundante do Ensino Religioso é desenvolver indivíduos que possam pensar e fazer uma releitura crítica do seu tempo, para lhes possibilitar a convivência em sociedade.

### **2.3 A importância da Epistemologia no contexto do Ensino Religioso**

No primeiro momento em que o Ensino Religioso foi implantado no Brasil pelos jesuítas, não havia uma preocupação do ponto de vista epistemológico, e nem metodológico, em transmitir tais conhecimentos, pois, até então, a única preocupação era expandir o cristianismo e catequizar os índios e os escravos. Como foi dito anteriormente por Passos quando afirma que, “ao longo da história, essa área de estudo esteve quase sempre sob o controle da Igreja Católica, enquanto instituição religiosa hegemônica”<sup>85</sup>. No entanto, no decorrer da história, o Ensino Religioso passa por um processo de mudanças; ao ser introduzido como disciplina obrigatória nas escolas da esfera pública, ele ganha contornos epistemológicos. No dizer de Passos, isso só foi possível quando a:

---

<sup>82</sup> HABERMAS, 2007, p. 10.

<sup>83</sup> HABERMAS, 2007, p. 11.

<sup>84</sup> PASSOS, 2007, p. 73.

<sup>85</sup> PASSOS, 2007, p. 16.

A lei de nº 9.475, de julho de 1997, que modificou o artigo 33 da atual lei de Diretrizes e Bases (LDB), deu ao Ensino religioso (ER) um lugar epistemológico e pedagógico no currículo do ensino fundamental, colocando-o como parte integrante da formação básica do cidadão e como disciplina dos horários normais do fundamental. Podemos dizer que, a partir de então, o (ER) tem uma identidade definida em termos formais.<sup>86</sup>

Essa nova lei credenciou e formalizou o Ensino Religioso como uma disciplina de bases científicas. Pelas palavras de Passos, “por epistemologia do Ensino Religioso entendemos a sua base teórica e metodológica, enquanto área de conhecimento específica que assume a religião como um objeto de estudo”<sup>87</sup>. Portanto, a postura catequética e confessional passa a ser algo do passado, pois o papel e o objetivo dessa disciplina como ciência é de legitimar o Ensino Religioso como um instrumento que poderá contribuir para a formação do cidadão. Essa disciplina, assim, irá proporcionar ao estudante o agir criticamente, como também aceitar o diferente como algo normal, no mundo que o cerca. Enfatizamos que a conotação epistemológica do Ensino Religioso é a de contribuir racionalmente com o estudo das religiões, com o fim de respeitar toda pluralidade religiosa, como também de formar cidadãos mais conscientes e tolerantes. Passos, nas suas proposições, alega que “a epistemologia sustentadora de Ensino Religioso, assim como das demais disciplinas, pretende resgatar a totalidade da vida humana na sua singularidade individual e social e nas suas variadas dimensões”<sup>88</sup>. Isso reforça a relevância e a importância da disciplina do Ensino Religioso como ciência, a qual contribuirá para a formação do cidadão mais consciente e crítico diante de um mundo plural. No entanto, é preciso que o Ensino Religioso ganhe sua própria cidadania epistemológica, diante da academia científica; isso lhe proporcionará *status* de ciência que o credencia ao Ensino Religioso, ao ser comparado com as demais disciplinas de cunho epistemológico, no que se refere ao seu grau de importância na formação do indivíduo. Passos afirma:

A epistemologia do Ensino Religioso busca portanto resgatar sua cidadania como disciplina cientificamente alicerçada que pode contribuir através da natureza totalizante de seu objeto e da dinâmica interdisciplinar das abordagens das Ciências da religião. O ensino religioso só poderá adquirir cidadania epistemológica e política a partir desse caminho que se inicia na comunidade acadêmica. Como ocorre com os demais campos de estudos, a universidade é o útero natural onde ele poderá ser gestado e ganhar maturidade epistêmica, pedagógica e política, do contrário ficará preso e estagnado em arranjos politicamente interessantes para os poderes civil e religioso.<sup>89</sup>

---

<sup>86</sup> PASSOS, 2007, p. 13.

<sup>87</sup> PASSOS, 2007, p. 28.

<sup>88</sup> PASSOS, 2007, p. 42.

<sup>89</sup> PASSOS, 2007, p. 43; 72.

É notável que a disciplina do Ensino Religioso tem ganhado notoriedade epistemológica diante do cenário acadêmico brasileiro, mas tem tido dificuldade de se estabelecer como uma disciplina autônoma em relação às demais ciências, pelo fato de não despertar interesse nos centros universitários brasileiros. Esse fato tem afetado a relevância do Ensino Religioso na prática pedagógica dentro do universo acadêmico das escolas públicas brasileiras, enquanto que, em outros países da Europa, como Alemanha, pela afirmação de Usaski, “a religião como ciência ganhou notoriedade epistemológica na metade do século XIX”<sup>90</sup>. Essa notoriedade da religião como ciência nos centros acadêmicos da Europa nos revela o hiato histórico entre os centros acadêmicos brasileiros e europeus. Na verdade, há certo “descaso” com o ensino religioso brasileiro; e esse posicionamento tem contribuído para o fracasso do Ensino Religioso nas escolas públicas. Diante dessa realidade, algo precisa ser mudado no cenário da educação religiosa brasileira. Uma das hipóteses para essa mudança é o reconhecimento epistemológico, sem deixar de falar, também, na autonomia do Ensino Religioso entre as demais ciências da área de humanas. Usarski afirma que “a Ciência da Religião é uma disciplina autônoma que deve ocupar um lugar institucional específico no mundo acadêmico”<sup>91</sup>. Nesse sentido, fica evidente que a autonomia e o reconhecimento dessa disciplina, como ciência, confirmam sua importância no ambiente acadêmico. Esse reconhecimento ratifica a relevância do Ensino Religioso como um instrumento na construção de valores que contribuirá para uma postura cidadã do indivíduo. Assim, o primeiro passo já foi dado com a mudança da LDB pela Lei nº 9.475, que deu ao ensino religioso *status* epistemológico.

#### **2.4 Os desafios socioculturais do Ensino Religioso na contemporaneidade**

A sociedade contemporânea está passando por profundas e significativas mudanças, principalmente no contexto do Ensino Religioso. O que se nota é uma sociedade com perfis pluralistas e com atitudes sincretistas, na qual há um grande esforço em dialogar com o diferente. Essa postura tem gerado certas instabilidades comportamentais e provocado algumas mudanças éticas e religiosas em determinados grupos sociais. Uma das áreas afetadas por essas mudanças foi o Ensino Religioso; este é notado pela maioria dos acadêmicos e dos docentes como uma disciplina sem expressão e que, em parte, não contribui na formação intelectual dos indivíduos. Diante desse fato, Figueiredo afirma que:

---

<sup>90</sup> USARSKI, 2006, p. 15.

<sup>91</sup> USARSKI, 2006, p. 9.

Hoje, mais do que em outras épocas, surge a necessidade de se dar prosseguimento ao grande esforço empreendido, nesses últimos anos, em torno da legitimidade do Ensino religioso na Escola, diante da realidade que aí está. Aí estão presentes os grandes desafios da modernidade e pós-modernidade, fazendo parte do contexto sócio-econômico-político-cultural [sic]. É com esses e outros desafios que a educação convive e mantém a sua proposta de formação de um tipo de homem e de sociedade.<sup>92</sup>

Diante desse fato, é necessário um grande esforço em promover um diálogo, no sentido de esclarecer a essa nova geração a relevância do Ensino Religioso como uma disciplina curricular, a qual terá o papel de esclarecer e de promover o diálogo com o mundo plural e com o diferente. Acreditamos que isso possibilitará um entendimento entre as diversidades culturais. A sociedade contemporânea está passando por um profundo processo de mudanças refletidas pelas atitudes unilaterais de grupos fundamentalistas, e esse tipo de comportamento é visível nas práticas do cotidiano. Estamos presenciando o surgimento de grupos sociais que cultivam a cultura do ódio, da supremacia da cor, da religião etc. Essas evidências são assustadoras, pois mostram o lado sombrio do ser humano. Esse tipo de comportamento é contraditório pelo fato de vivermos em uma sociedade moderna, “civilizada”; essa postura é o retrato de uma sociedade que retirou o sagrado de suas práticas religiosas. Touraine diz que “o dilaceramento do sagrado rompe a ordem religiosa como todas as ordens sociais”<sup>93</sup>. Esse rompimento com o sagrado provocou uma lacuna nesse sujeito, de forma que o deixou fragilizado diante de um mundo tecnicista. Isso reforça algo que Alain Touraine defende: “hoje vivemos em um mundo frágil”<sup>94</sup>. Essa fragilidade acontece pelo fato de a modernidade não ter uma resposta à altura para suprir as demandas subjetivas e objetivas do ser humano que convive nesse contexto moderno. Esse é o grande desafio que a sociedade enfrenta, pois as demandas do mundo moderno são quase insuperáveis, justamente pela fragilidade em que esse sujeito se encontra. Isso é enfatizado por Figueiredo, quando ela firma que “inúmeros são os desafios que compõem o quadro atual, onde figuram homens e mulheres, ora como vítimas de sistemas e subsistemas de uma sócio-política-cultural, ora protagonista na idealização de um projeto de construção de um novo tipo comunidade humana”<sup>95</sup> [sic]. Essa problemática tem permitido o surgimento de diversas alternativas religiosas que trazem consigo um discurso messiânico, com propostas alienantes, em resposta ao drama vivenciado por esse homem moderno. Diante desse drama, Figueiredo alega que:

---

<sup>92</sup> FIGUEIREDO, 1994, p. 7.

<sup>93</sup> TOURAINE, 1994. 226 p.

<sup>94</sup> TOURAINE, 1994, p. 227.

<sup>95</sup> FIGUEIREDO, 1994, p.15.

O homem moderno busca respostas para os seus anseios pessoais numa religião de situação, diante da insegurança gerada pelos desafios da modernidade, num mundo antes governado pela Religião, mas que tem, agora, a Ciência como marco de sua credibilidade. Tudo isto em meio ao 'cansaço' proporcionando em parte, pelo excesso de institucionalização e materialismo próprios da sociedade capitalista; e a resistência advinda das dificuldades vividas pelas grandes massas empobrecidas.<sup>96</sup>

Esse sintoma é provocado justamente por uma ideologia do mundo moderno, que adota uma postura antirreligiosa, em querer eliminar a religião do cotidiano dos indivíduos. Isso tem provocado certo vazio existencial nos indivíduos. Essa visão antirreligiosa tem interferido na estrutura e na convivência familiar, como também nas relações interpessoais. Diante desses fatos, podemos perceber o surgimento de uma sociedade intolerante e individualista, que preza em priorizar os seus interesses particulares. Esse é o quadro que é apresentado em nosso cotidiano, pois a maioria das pessoas está submetida a um sistema que é excludente, que ignora a importância da religiosidade como um elemento essencial para o ser humano. Essas evidências dão provas de que as ideologias propostas pela modernidade não dão conta das demandas do ser humano. Zygmunt Bauman diz que “a religião é a mais onipresente das qualidades que distinguem a espécie humana”<sup>97</sup>. A observação de Bauman vem ratificar a importância da religião para o homem contemporâneo. Isso é a prova de que a religião ajuda os indivíduos a suportarem “a ruptura da ordem sagrada do mundo”<sup>98</sup>. Essas observações dão provas da urgência e da importância do Ensino Religioso nas escolas, no sentido de se ensinar a relevância da dimensão religiosa na vida das pessoas, tendo como objeto de estudo o sagrado que foi tão ignorado por alguns defensores da ideologia da modernidade.

Diante desse cenário, o Ensino Religioso ressurgiu no contexto atual com uma proposta inovadora e inclusiva, e dentro das regras epistemológicas, de forma a excluir qualquer tentativa catequética, ou proselitista, de algumas religiões. Por isso, a importância do Ensino Religioso nas escolas, principalmente a de esfera pública, que tem por objetivo promover a verdadeira cidadania, como também o diálogo com o diferente, para que haja o respeito a toda pluralidade dos indivíduos envolvidos nesse processo. Fica evidente, assim, que o Ensino Religioso visa construir o verdadeiro cidadão, mesmo com todos os contratempos das ideologias e de posicionamentos de alguns críticos modernos que são contrários a qualquer expressão religiosa. Manfredo afirma que “o reconhecimento da

---

<sup>96</sup> FIGUEIREDO, 1994, p. 18.

<sup>97</sup> BAUMAN, Zygmunt Bauman. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 207.

<sup>98</sup> TOURAINE, 1994, p. 228.

importância do Ensino Religioso deve vir muito mais de uma conscientização da fé como uma dimensão antropológica, ou seja, genuinamente humana e necessária”<sup>99</sup>. Por ser a religião um dos aspectos antropológicos do ser humano, e não apenas um mecanismo de defesa diante das dificuldades, o Ensino Religioso deve ter o seu lugar nos centros acadêmicos. Nas palavras de Manfredo, o “Ensino Religioso possui a capacidade de contribuir para uma sociedade melhor que compreende e valoriza o outro em suas diferenças e semelhanças e a semelhança está sendo apagada”<sup>100</sup>. De fato, o Ensino Religioso tem todas as prerrogativas para desempenhar de forma exemplar o seu papel de agente de transformação em uma sociedade que é formatada por conceitos da modernidade, que valoriza o materialismo e fomenta a descrença na religião; esse é o espírito da modernidade. Conforme Madalena, “o período contemporâneo é, sem dúvida, aquele em que mais se questionou a religiosidade. Com isto a educação assume compromisso em preparar a pessoa para viver sua vida dentro do presente, de modo que possa atingir os fins temporais e eternos”<sup>101</sup>. Esse será um dos desafios do Ensino Religioso em um Brasil plural, com suas inúmeras e múltiplas religiões. É importante enfatizar que esse ensino terá um duro e difícil caminho pela frente, devido às divergências ideológicas de alguns de teóricos modernos, que negam a religião e desprezam a religiosidade do sujeito. Sanchez assevera:

Na medida em que a afirmação do sujeito é a negação das forças impessoais e incontroláveis e a negação da existência de um destino desconhecido e previamente determinado por Deus, o processo de secularização surge, na modernidade, como crítica e como deslocamento da religião da esfera social para esfera do sujeito; dessa forma, a religião fica subordinada à consciência do sujeito e deixa de ter o valor de referência absoluta para a vida social.<sup>102</sup>

Uma vez que a religião foi deslocada da esfera social para a esfera do sujeito, este se sente impotente diante das novas demandas promovidas pelo discurso da modernidade; em assim sendo, o espírito moderno trouxe incertezas e insegurança, e a sensação de um vazio existencial. Esse dilema tem gerado um certo desconforto na vida desse sujeito contemporâneo, pelo fato de ele não saber lidar com esse novo e desconhecido sistema que traz consigo profundas e radicais mudanças de convivência com o sagrado, especialmente no mundo ocidental, especificamente na Europa, pelo fato de ele ter surgido nesse continente. Diante dessa realidade, é importante ressaltar que uma das hipóteses para diminuir o

<sup>99</sup> WACHS, Manfredo Carlos, et al. *Ensino Religioso e práticas educativas*. São Leopoldo: Sinodal; Est, 2010, p. 189.

<sup>100</sup> WACHS, 2010, p. 191.

<sup>101</sup> FERNANDES, 2000. p. 15-16.

<sup>102</sup> SANCHEZ, 2006, p. 35.

sofrimento desse sujeito que foi envolvido pelo espírito da modernidade, é compreender que isso só será possível por meio de uma escola que promova e estimule o Ensino Religioso.

Segundo Ana Figueiredo:

A escola como instituição educacional, estará então, procurando superar os desafios levantados, sempre que tomar consciência do seu compromisso para com a sociedade, com a qual contribui na formação dos homens e mulheres aptos a realizar-se integralmente, portadores de dimensões que qualificam a sua natureza, a serem desenvolvidas e não atrofiadas ou mutiladas. Será também, a conjugação do espaço e do tempo pedagógico, a abrir caminhos; apontar horizontes; suscitar valores; sistematizar e enriquecer o saber; estimular e enriquecer o saber; estimular a investigação científica; fortalecer ideais; orientar as consciências; dirimir dúvidas; incentivar a criatividade e a participação; exercitar as aptidões para o bem, a verdade, a justiça e a solidariedade; abrir espaço para a busca de respostas aos questionamentos existenciais.<sup>103</sup>

Diante do que foi expresso pela autora, fica evidente a importância de se buscar um entendimento de algo que nos impõe certa insegurança, e medo de algo desconhecido. Por essa razão, faz-se necessário um esforço dos envolvidos para se buscar um entendimento do que está a nossa volta. Acreditamos que a educação é o meio para se buscar a compreensão dos fenômenos que nos são apresentados. O sujeito contemporâneo tem experienciado o convívio com o desconhecido e experimentado uma sensação de abandono; isso tem mexido com sua existência e gerado angústia. Sanchez afirma que, “vivemos com a sensação de que nossos pés não estão pisando no chão, tal é o acelerado processo de mudanças que atinge a sociedade e a subjetividade. É uma sensação de desenraizamento, no qual se perdem os referenciais para vida social e pessoal”<sup>104</sup>. Esse é um dos sintomas provocados pela modernidade. A prova disso foi a negação ou a morte de Deus proclamado por Nietzsche. Segundo Albert Camus, “Nietzsche considera Deus como morto na alma de seus contemporâneos”<sup>105</sup>. Esse é o exemplo de alguém que tentou caminhar sem uma referência de um ser superior. É importante afirmar que Nietzsche era preexistencialista, pelo fato de defender autonomia para a liberdade do homem, e a possibilidade de ele realizar suas escolhas sem a necessidade de uma religião, ou seja, o homem era o único responsável pelo seu próprio destino. Diante desse drama vivenciado por esse sujeito contemporâneo formado pela modernidade, é necessário que haja uma abertura dele para lidar com essa problemática, referente ao seu próprio destino. O lugar ideal para compreender e atender a essas demandas desse sujeito contemporâneo é a escola, pois, como afirma Touraine, “a escola deve ser um lugar de ruptura com o meio de origem e de abertura ao progresso, ao mesmo tempo pelo

<sup>103</sup> FIGUEIREDO, 1994, p. 34-35.

<sup>104</sup> SANCHEZ, 2006, p. 27.

<sup>105</sup> CAMUS, Albert. *O homem revoltado*. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 51.

conhecimento e pela participação em sociedade fundada sobre princípios racionais”<sup>106</sup>. Mediante a observação de Touraine, é importante ressaltar que a educação será um instrumento de libertação do sujeito e de aproximação com o diferente. A disciplina do Ensino Religioso terá o papel indispensável de promover um espaço democrático mediante o diálogo, de maneira a respeitar todos os credos religiosos. É importante ressaltar que do ponto de vista da antropologia religiosa o ser humano é movido por uma necessidade interior em buscar refúgio espiritual em um ser superior. Meslin afirma que:

a antropologia religiosa é antes de tudo abertura para o outro em sua dimensão espiritual. Aí é que reside a razão de nossa disciplina, largamente aberta aos quatro ventos do espírito, e antes de tudo preocupada com compreender, na diversidade de suas expressões culturais, a unidade profunda dos comportamentos religiosos do homem.<sup>107</sup>

Esse autor é contundente ao afirmar a importância e a relevância em compreender a diversidade e os aspectos culturais das religiões, os quais têm como objetivo promover a unidade na diversidade, mediante uma flexibilização de suas ortodoxias fundamentalistas, no que diz respeito a seus conceitos religiosos. Porém, isso só será possível pelo viés do diálogo promovido pela educação, a qual efetivamente contribuirá para a formação de um indivíduo mais cidadão. É importante ressaltarmos, entretanto, que existem, por parte de algumas escolas confessionais, alguns obstáculos que precisam ser superados, principalmente, nas escolas que se utilizam de uma postura catequética. Essa postura tem criado barreiras com outras matrizes religiosas, o que tem dificultado o diálogo inter-religioso; isso é uma prova de que algo precisa ser feito no interior dessas escolas. Esse será sem dúvida um dos maiores desafios para o ensino religioso na contemporaneidade, devido à complexidade de viver em sociedade; ao mesmo tempo, há o desafio em superar a intolerância e a visão unilateral de alguns indivíduos resistentes às mudanças. Diante desse grande desafio, é necessária uma mudança comportamental nas relações interpessoais; tal mudança viabilizará o diálogo com o diferente. Enfatizamos que isso só será possível mediante uma atitude de alteridade; e o ambiente ideal para a prática dessa alteridade é o universo da escola, uma escola desvinculada de qualquer pretensão catequética.

Esse será talvez um dos maiores obstáculos para os professores do Ensino Religioso na contemporaneidade, pelo fato de a disciplina não despertar interesse para a maioria dos alunos numa sala de aula. Além disso existem outros imensos desafios a serem superados por

<sup>106</sup> TOURAINE, 1994, p. 20.

<sup>107</sup> MICHEL, Meslin. *Fundamentos de antropologia religiosa: a experiência humana do divino*. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 20.

esses profissionais da educação; pois eles terão o papel de promover a integração das múltiplas matrizes religiosas, diante de uma realidade extremamente secularizada, marcada por um racionalismo que é insensível à subjetividade, e que se posiciona contra qualquer outra fonte de conhecimento. Ademais existem outras barreiras para serem superadas como o individualismo e o preconceito em relação aos indivíduos que professam outras religiões. Essa é sem dúvida uma parte da história da educação que precisa ser mudada nas escolas brasileiras, tendo em vista que promover as mudanças comportamentais no ser humano, sem modificar os aspectos culturais de uma religião, é algo desafiador para o educador do Ensino Religioso, no atual contexto da sociedade brasileira. Guerriero assim se posiciona:

A vida social é, também, cada vez mais complexa. O século XX presenciou profundas transformações de ordem das estruturas sociais. As distâncias culturais estão cada vez menores. A vida urbana moderna possibilita a troca mais intensa de informações e uma diversidade cada maior. Isso tem profundos reflexos no âmbito religioso. Na atual sociedade moderna, temos contato com as grandes religiões tradicionais, com as antigas civilizações e com toda e qualquer forma nova de vivência religiosa. Todas essas alterações na maneira de viver possibilitaram o surgimento de novas religiões como nunca visto anteriormente.<sup>108</sup>

As profundas mudanças estruturais e comportamentais, provocadas pelo secularismo têm impactado seriamente as práticas religiosas; as evidências são notórias pela multiplicidade das religiões, como também pelo aumento da indiferença para com ela, pelo fato de não suprir de imediato as necessidades das pessoas. No entanto, é perceptível uma quebra de paradigma das “velhas” práticas religiosas por parte dessa sociedade contemporânea, que, sorrateiramente, foi influenciada pelo secularismo. De um lado, isso possibilitou um maior trânsito religioso, ou seja, as pessoas passaram a mudar facilmente de religião, sem nenhum conflito ou crise; de outro, constatamos que algumas religiões se fecharam ou tentam resistir às mudanças. Tais resistências têm gerado certas instabilidades, internas e externas às religiões que defendem seus princípios, os quais consideram como imutáveis. Guerriero alega que “a secularização possibilitou o avanço do pluralismo e do trânsito religioso, uma vez que, não havendo as amarras das instituições religiosas, o indivíduo pode manipular os bens simbólicos construindo seus arranjos religiosos sem medo de quebrar o eixo central em que está apoiado”<sup>109</sup>. O que notamos é uma mudança de comportamento, ou seja, os indivíduos passaram a ter uma leve sensação de liberdade e de certa autonomia religiosa, pelo fato de transitarem facilmente entre outras religiões sem

<sup>108</sup> GUERRIERO, Silas. *Novos movimentos religiosos: o quadro brasileiro*. São Paulo: Paulinas; 2006. 23 p. (Coleção temas do ensino religioso).

<sup>109</sup> GUERRIERO, 2006, p. 50

nenhum tipo sentimento de culpa; entretanto isso tem afetado a dinâmica espiritual da sociedade contemporânea, pois essas mudanças têm levado alguns a viverem sem nenhuma referência espiritual ou sem nenhum tipo de entendimento a respeito da importância do sagrado na dinâmica de suas vidas; tal fato é notado pela indiferença religiosa manifestada por algumas pessoas. O certo é que isso tem refletido diretamente nos valores subjetivos delas, e que, objetivamente, tem interferido na sua convivência em sociedade. Diante desses conflitos provocados pela interferência do secularismo, Habermas afirma que:

O secularismo que emoldura a imagem do mundo científico insiste na ideia de que as formas de pensamento arcaicas contidas nas doutrinas religiosas foram superadas e desvalorizadas de forma global e total pelos progressos do conhecimento e da pesquisa estabelecidos. Não obstante isso, o pensamento pós-metafísico não-derrotista estabelece relações falibilistas com os dois lados - e o faz estribando-se numa reflexão sobre os próprios limites e numa tendência à superação de limites, inserida nele mesmo, porque ele desconfia tanto das sínteses das ciências naturais como das verdades reveladas.

A polarização entre visões de mundo religiosas e seculares [...] coloca em risco a coesão entre os cidadãos.<sup>110</sup>

Essa é uma prova da força impactante que o secularismo tem sobre as práticas religiosas na sociedade contemporânea; mas essa religiosidade vem resistindo de modo “sobrenatural” a esses impactos. Nesse sentido, evidenciamos que a religiosidade é algo antropológicamente intrínseco ao ser humano, pois, segundo Meslin,

é por uma religião que o homem se define no mundo e para com seus semelhantes. É a religião que empresta um sentido e constitui para seus féis uma fonte real de informações. Ela funciona como um modelo para o mundo e ao mesmo tempo como modelo do mundo.<sup>111</sup>

Portanto fica evidente que o secularismo não tem força para extinguir a religiosidade do ser humano por ser um fenômeno da subjetividade desse ser. Para Guerriero, “não há a extinção da religião, mas o seu deslocamento para a esfera do sujeito. O significado profundo de secularização é o declínio geral do compromisso religioso na sociedade”<sup>112</sup>. Com esse entendimento, podemos dizer que as instituições perderam parcialmente o poder de manipular os fenômenos sobrenaturais, e o poder de interferir no destino espiritual das pessoas. O indivíduo tem agora a responsabilidade de realizar suas escolhas e de decidir sobre seu futuro religioso sem a tutela de uma determinada instituição religiosa. Esse é um fato real, para o qual Guerriero afirma que “esse indivíduo estaria, assim, completamente livre para construir

<sup>110</sup> HABERMAS, 2007, p. 13.

<sup>111</sup> MESLIN, M., 2014, p. 24.

<sup>112</sup> GUERRIERO, 2006, p. 49.

sua própria religião e, como em um supermercado de bens simbólicos religiosos, faria uma bricolagem pessoal daquilo que lhe interessa”<sup>113</sup>. Dessa forma, o indivíduo contemporâneo está “livre” para experimentar as mais profundas e radicais mudanças, principalmente na área religiosa, e comportamental; porém, isso tem gerado sérios conflitos existenciais, devido às perdas dos marcos referenciais, principalmente no que se refere aos valores religiosos, éticos e morais. É importante ressaltar que essas mudanças têm provocado um certo mal-estar na sociedade, o que, de acordo com Freud, está relacionada:

a uma instância psíquica denominada ‘supereu’, que possibilita uma aliança psíquica com a cultura, a civilização, os pactos sociais, as leis e as regras, é também responsável pela culpa, pelas frustrações e pelas exigências que o sujeito impões a si mesmo, muitas inalcançáveis. Daí o mal-estar que acompanha todo sujeito, e que não pode ser inteiramente superado.<sup>114</sup>

É impactante e determinante a abordagem realizada por Freud sobre as interferências do psiquismo humano na dinâmica comportamental e social do sujeito em uma sociedade em profundas transformações. Essas mudanças têm gerado conflitos de ordem pessoal e social; pessoal pelo fato de esse sujeito ter dificuldade de lidar com as exigências e as cobranças que lhe são impostas por ele mesmo, em relação as suas demandas internas; e as demandas sociais, vindas do mundo externo, o que gera implicações dialogal e de relacionamento com o diferente. Notamos que modernidade tem sido em parte a desencadeadora de toda a problemática existencial e a causadora do mal-estar vivenciado pela civilização contemporânea, devido justamente às cobranças e às exigências que as ideologias do mundo moderno lhe impõe. Nessa perspectiva, fica evidente que o sujeito é refém dessas ideologias geradoras dos conflitos, e, quando elas são incorporadas na dinâmica da vida e na convivência social, geram sérias crises existenciais, principalmente nos aspectos religioso e psicológico. Em um de seus comentários, Freud alega que “o homem está desamparado, imerso em um mundo que só lhe confronta com dores e horrores: estes vêm tanto do corpo, como do mundo externo, com suas armadilhas terríveis e também, talvez acima de tudo, das relações humanas”<sup>115</sup>. Essas observações de Freud a respeito desse homem que se encontra desamparado e inseguro e, ao mesmo tempo, em constantes batalhas para se manter vivo é o resultado de uma ideologia utópica da modernidade em romper com o transcendente e desprezar a subjetividade e a religiosidade desse sujeito. Diante desses conflitos vivenciados por esse indivíduo contemporâneo, notamos que os princípios e as regras da modernidade são

<sup>113</sup> GUERRIERO, 2006, p. 52.

<sup>114</sup> FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&RM. 2015, p. 17-18.

<sup>115</sup> FREUD, 2015, p. 29.

um tanto opressores, o que evidencia um certo esgotamento da modernidade. Sobre o fato, Touraine admite que “o esgotamento da modernidade transforma-se com rapidez em sentimento angustiante do sem sentido de uma ação que não aceita outros critérios que os da racionalidade instrumental”<sup>116</sup>. Esse esgotamento da modernidade é uma prova de que esta não atende a todas as demandas do sujeito contemporâneo, principalmente as subjetivas e objetivas, mesmo porque o homem não é só razão, pois ele é antropologicamente dotado de uma espiritualidade que precisa ser reconhecida e suprida, independentemente do credo religioso; é uma necessidade primordial e básica que lhe permite o contato com o sagrado e, ao mesmo tempo, a manutenção da sua própria existência. Diante desses fatos, Meslin alega que

desse estrito ponto de vista antropológico, cada religião constitui para seus próprios fiéis a melhor resposta possível às próprias exigências da condição humana. Ela leva os homens que as praticam a garantir a coerência de sua existência e a coesão da sociedade em que eles vivem<sup>117</sup>.

Diante do que foi abordado, nota-se a importância de o sujeito religioso ter uma consciência cidadã no mundo contemporâneo, pois as profundas e radicais transformações da nossa civilização exigem dos indivíduos um cognitivo bem desenvolvido, para que eles possam melhor exercer sua cidadania, em um mundo plural e diverso. Habermas alega que:

Os cidadãos religiosos precisam encontrar um enfoque epistêmico que seja aberto às visões de mundo e às religiões estranhas as quais eles, até o momento, conheciam apenas por intermédio do universo discursivo adotado pela religião à qual pertencem. Isso pode dar certo à proporção que correlacionarem, de modo auto reflexivo, suas próprias ideias religiosas com as asserções de doutrinas salvíficas concorrentes, sem colocar em risco a própria pretensão de verdade, que é exclusiva. Os cidadãos religiosos precisam encontrar, além disso, um enfoque epistêmico aberto ao sentido próprio do saber secular e ao monopólio do saber de especialistas, institucionalizado socialmente. E isso só pode acontecer quando eles determinarem, a partir de sua visão religiosa, a relação entre conteúdos de dogmáticos e saber secular sobre o mundo de tal modo que os progressos do conhecimento autônomo não entrem em contradição com as asserções relevantes para salvação. Os cidadãos religiosos precisam assumir, finalmente, um enfoque para encarar os argumentos seculares que gozam de precedência arena política<sup>118</sup>.

É notório e contundente o discurso de Habermas quando ele afirma a relevância de um indivíduo religioso que possui uma consciência cidadã, por meio de um cognitivo bem desenvolvido. Esse fato ratifica a importância do ensino religioso nas escolas, pois a sua aplicabilidade contribuirá para a construção de um cidadão (a) que seja capaz de colocar em

<sup>116</sup> TOURAINE, 1994, p. 101.

<sup>117</sup> MESLIN, 2014, p. 26.

<sup>118</sup> HABERMAS, 2007, p. 155.

prática os seus valores éticos e morais, sem que haja qualquer indiferença com o diferente; (b) que sua cosmovisão de mundo seja aberta e plural, e (c) que a alteridade possa ser vivenciada nas suas relações interpessoais, de modo a evitar quaisquer conflitos ou divergências entre culturas e ideologias tanto religiosas quanto partidárias. Além disso, o ensino religioso proporcionará uma consciência crítica do sujeito a respeito da sua própria existência, e proporcionará a abertura para o transcendente; afinal, o homem é um ser de dimensões religiosas que precisam ser equacionadas. De qualquer modo, isso só será possível mediante o reconhecimento de um ser superior como parte integrante de suas subjetividades. Nesse intento, a escola passa ser o espaço ideal, por ser democrático e plural, pela sua diversidade, para formar cidadãos autônomos e autocríticos capazes de superar as barreiras culturais e religiosas, sem que haja conflitos de interesses entre os envolvidos. Nas palavras de Fernandes:

o ensino religioso ministrado nas escolas tenta dar respostas às inquietações internas e externas dos indivíduos, abrindo-lhes horizontes, a fim de que seja capaz [sic] de assumir um compromisso de fé com uma religião que segundo sua consciência é criada e encontrada como verdade; despertar para atitude fundamental da religiosidade; sensibilizar para dimensão do transcendente; enfim [...] o ensino religioso é processo que visa àquilo que é comum a todos os homens, no caso, o sentido último de sua existência <sup>119</sup>

Mediante o exposto acerca do ensino religioso, é importante ressaltar a relevância do enfoque epistêmico na formação cognitiva de um cidadão, pois esse é um dos requisitos para o exercício de uma verdadeira cidadania; uma vez que isso é negligenciado, pode comprometer todo o processo da construção de um indivíduo cidadão. Ademais é necessário que haja um ambiente democrático, em que as multiplicidades de ideias possam ser discutidas no âmbito civilizado, e a escola é, sem dúvida, o melhor lugar para a prática da verdadeira cidadania. Entendemos que esse entendimento poderá ser concretizado em um Estado laico, ou seja, neutro, pois é o único que pode garantir a liberdade de expressão dos seus cidadãos e os direitos individuais de todos os grupos que compõem a sociedade. Pelo comentado, Habermas afirma que:

Para uma garantia simétrica da liberdade de religião, o caráter secular do Estado constitui uma condição necessária, porém, não suficiente. Tal função não pode ser preenchida pela benevolência desdenhosa de uma autoridade. As próprias partes envolvidas têm de chegar a um acordo [...] para proteger o princípio da tolerância contra a suspeita de uma determinação repressiva dos limites à tolerância e para definir aquilo que ainda pode ser tolerado e aquilo que não pode ser mais tolerado,

<sup>119</sup> FERNANDES, 2000, p. 31.

há mister de argumentos convincentes e aceitáveis, de igual modo por todas as partes.<sup>120</sup>

O que nos dá a entender, pela fala de Habermas, é que a cidadania tem que ser vivenciada por intermédio de um respeito mútuo, em meio a uma sociedade plural, em que as diferenças precisam ser superadas pelo viés da racionalidade, ou seja, mediante as regras constitucionais, pelas quais “todos” devem ter o mesmo direito a uma formação epistêmica. Isso permitirá que haja uma postura simétrica no campo religioso, como afirma Habermas, pois, segundo ele, isso não dará margem para que alguém ou algum grupo venha a se posicionar como superior diante dos demais membros da sociedade, uma vez que todos tiveram as mesmas oportunidades em termos de formação cognitiva. É perceptível, dessa forma, que o processo da construção de um sujeito cidadão só é possível pelo viés da educação, que tornará todos os homens iguais. De acordo com Pinsky:

Se a igualdade torna-se uma possibilidade real como consequência da nova sociedade, que se estrutura rapidamente, nada impede que um passo mais largo ainda seja dado, ou seja, é necessário concretizar e tornar pública essa possibilidade pela declaração de que ‘os homens nascem iguais’. É uma declaração de caráter universal, valendo para todos os homens, sejam que forem, venham de onde vierem. Não existe exceção. Uma comunidade é, portanto, formada pelo Eu e pelos Outros, e o que se deseja é que vivam em paz e harmonia, a fim de que os tormentos, a miséria e a crueldade dos conflitos e da guerra desapareçam pelos laços da fraternidade que deve unir e sustentar pacificamente os homens <sup>121</sup>.

Esse será de fato um dos mais complexos desafios para o homem contemporâneo: promover a construção e a convivência em uma sociedade plural. Nilson afirma que “é necessário levar em consideração uma palavra chave, que é a tolerância. Nenhum valor pode ser mais fundamental, mais vital ao exercício da autoridade, à construção da cidadania, à convivência racionalmente regulada por normas em regimes democráticos”<sup>122</sup>. A construção de uma sociedade cidadã e fraternal será efetivada mediante o respeito universal dos direitos humanos, conhecidos como: liberdade, igualdade e fraternidade. Pinsky afirma que “são esses direitos que vão sintetizar a natureza do novo cidadão”<sup>123</sup>. Essa é a proposta do Ensino Religioso, conforme a LDB, que se preocupa em formar um cidadão à altura das exigências do mundo moderno. Nos parâmetros curriculares nacionais, acerca do ensino religioso, constatamos que:

<sup>120</sup> HABERMAS, 2007, p. 136.

<sup>121</sup> PINSKY, Jaime (Org). *História da Cidadania*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 162.

<sup>122</sup> MACHADO, Nilson José. *Educação: Cidadania, projetos e valores*. São Paulo: Escritura, 2016, p. 111.

<sup>123</sup> PINSKY, 2016, p. 162.

Como na sociedade democrática todos necessitam da Escola para ter acesso à parcela de conhecimento histórico acumulado pela humanidade, através dos conteúdos escolares, o conhecimento religioso enquanto patrimônio da humanidade necessita estar à disposição da escola. É preciso, portanto, prover os educandos de oportunidade de se tornarem capazes de entender os momentos específicos das diversas culturas, cujos substratos religiosos colaboram no aprofundamento para a autêntica cidadania.<sup>124</sup>

No Brasil vivenciar a autêntica cidadania no âmbito epistêmico, no que diz respeito à racionalização do ensino religioso nas escolas públicas e particulares, é algo quase que utópico, pelo fato de sua irrelevância diante do que ele representa nos meios acadêmicos brasileiros. Porém, é importante frisar que a sua negligência pode comprometer o processo da construção de um indivíduo cidadão, o que terá implicações políticas no processo democrático da sociedade, justamente pelo fato de ele apresentar dificuldade simétrica e epistêmica em dialogar com o diferente, diante de uma sociedade cada vez mais diversificada e plural. Diante disso, Habermas alega que “os direitos fundamentais, simétricos, que cidadãos livres e iguais são obrigados atribuir uns aos outros quando pretendem regular sua convivência mútua lançando dos meios da razão [...] apesar de seu dissenso em questões envolvendo convicções religiosas e visões de mundo”<sup>125</sup>. Essa é uma prova de que o ensino religioso, dotado de uma sistemática à luz de uma epistemologia, poderá efetivamente contribuir para formação de um cidadão global e plural, que será capaz lidar com as novas demandas sociais. Nesse mesmo raciocínio, Sergio Jungueira acentua que “a finalidade do Ensino Religioso é favorecer o desenvolvimento integral do educando e a formação de indivíduos críticos que saibam verificar os argumentos, posicionando-se diante do mundo que se abre, como interventores, como cidadãos”<sup>126</sup>. Formar cidadãos abertos e capazes de interagir com o diferente em mundo plural, é sem dúvida um desafio que o ensino religioso se propõe a realizar. Passos acentua que “o pressuposto do Ensino Religioso é pedagógico; centra-se na educação do cidadão para viver como tal na sociedade e atuar profissionalmente de modo autônomo e responsável”<sup>127</sup>. Essa é uma prova da relevância do Ensino Religioso no processo de construção de indivíduos cidadãos, os quais serão capazes de manter um diálogo com o diferente sem perder suas referências culturais e religiosas.

---

<sup>124</sup> FONAPER - Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Religioso*. 2. ed. São Paulo: Ave Maria, 1997, p. 29.

<sup>125</sup> HABERMAS, 2007, p. 136.

<sup>126</sup> JUNQUEIRA, 2002, p. 98.

<sup>127</sup> PASSOS, 2007, p. 73.

### **3 PESQUISA DE CAMPO REALIZADA NA ESCOLA ADVENTISTA SOBRE A IMPORTÂNCIA DO ENSINO RELIGIOSO NA CONSTRUÇÃO DO CIDADÃO**

O trabalho foi realizado em três momentos: no primeiro, foi feito um levantamento histórico do percurso do Ensino Religioso desde o Brasil colônia até a constituição 1998; no segundo momento, apresentamos a fundamentação teórica que pretende discutir a importância do Ensino Religioso como uma disciplina epistemologicamente e cognitivamente relevante na construção da cidadania; e no terceiro capítulo, o trabalho estará ancorado em uma pesquisa de campo na escola adventista na cidade de Maceió, quando serão apresentados todos os dados coletados, os quais serão interpretados com base nos teóricos para a pesquisa, a fim de constatar se essa instituição, efetivamente, com seus métodos metodológico e pedagógico contribui para a construção do novo perfil de um cidadão, já que temos o entendimento de que a escola é um espaço democrático e detentora dos valores que formam o cidadão para a vida em suas diversas nuances. Nesse sentido, vale registrar que, no decorrer da aplicação do questionário aos alunos da Escola Adventista, não houve contato entre o pesquisador e os pesquisados, o que significa que o questionário foi aplicado pelo diretor da Instituição.

#### **3.1 Metodologia**

A pesquisa se utilizou de um questionário composto por doze perguntas, as quais foram direcionadas aos alunos do nono (9º) ano do ensino fundamental, e do segundo (2º) ano do ensino médio, como também ao professor. O grupo que respondeu ao questionário foi formado por cinco alunos, de um total de oitenta (80), os quais foram escolhidos aleatoriamente; desses, três alunos foram do 9º ano, e dois do 2º ano do ensino médio. Também foram submetidos a um questionário de oito (8) questões o único professor de Ensino Religioso e o diretor. Nesse questionário, as interpelações abrangem os dados pessoais, formação acadêmica, experiência profissional e a prática de ensino. Mediante as respostas coletadas, apresentamos os dados pesquisados com o auxílio de gráficos.

#### **3.2 Dados Gerais dos Alunos Entrevistados**

Os primeiros dados são dos alunos. Foram entrevistados três (3) alunos num total de cinquenta (50) do nono (9º) ano do ensino fundamental e dois (2) alunos de um total de trinta

(30) do segundo (2º) ano do ensino médio. A escolha dos alunos que participaram da entrevista se deu de forma aleatória. Todos que responderam ao questionário eram do gênero feminino: quatro (4) se declararam evangélicas, e uma (1) declarou não ter religião. A faixa etária das entrevistadas era em torno de 12 a 16 anos de idade.

Na sequência do questionário, foi perguntado aos alunos se o Ensino Religioso tem contribuído para sua formação ética e moral? As respostas dos alunos foram praticamente unânimes; eles alegaram que a religião contribui, de fato, com a formação do cidadão, principalmente nos aspectos ético e moral. É importante ressaltar que as respostas dadas pelos alunos resultam de um Ensino Religioso que adota postura catequética. Afirmamos que esse modelo pedagógico e metodológico não atende mais às demandas e às exigências do mundo contemporâneo, devido justamente ao multiculturalismo de que já falamos. O novo Ensino Religioso exige uma inovação na metodologia pedagógica, de forma que seja capaz de incluir o diferente e de promover um diálogo inter-religioso em um ambiente plural e diversificado, conforme declara Passos:

O modelo catequético de ER terá sempre uma territorialidade confessional subjacente, estando demarcado, portanto, por uma visão unirreligiosa, ou seja, pela visão que caracteriza a própria confissão que se expande. [...] o pressuposto do ER é pedagógico; centra-se na educação do cidadão para viver como tal na sociedade e atuar profissionalmente de modo autônomo e responsável.<sup>128</sup>

Passos reforça o que foi comentado anteriormente, a respeito das práticas proselitistas de algumas escolas confessionais, as quais, inconscientemente, adotam uma prática pedagógica unilateral que dificulta qualquer possibilidade de um diálogo com outras culturas religiosas. Diante dessa problemática, é requerida uma mudança no paradigma do método pedagógico do ER. Para que isso aconteça, de fato, Gruen alega que é preciso coragem para sermos humanos, com um profundo respeito pelo outro, principalmente, na fase de implantação dessas mudanças, pois os indivíduos estarão sujeitos às incompreensões e aos abusos de alguns segmentos religiosos<sup>129</sup>. Nesse sentido, para que as modificações aconteçam efetivamente nas escolas confessionais, será necessário que as instituições mudem suas grades curriculares no que se refere à disciplina do Ensino Religioso, já que o modelo conservador não atende às demandas dos alunos referentes à aprendizagem cognitiva e epistemológica do Ensino Religioso oferecido pela escola confessional.

Para a maioria dos alunos, as aulas de ensino religioso eram apenas educativas, no sentido de promover o respeito mútuo entre as pessoas. É importante frisar que o Ensino

<sup>128</sup> PASSOS, 2007, p. 59 e 124.

<sup>129</sup> GRUEN, 1994, p. 95.

Religioso não trabalha apenas os aspectos interpessoais, mas todo um arcabouço de conhecimento que é determinante para a manutenção da nossa sobrevivência como espécie humana; afinal, “o Ensino Religioso é um elemento integrante do conjunto das disciplinas que estão a serviço de todas as dimensões humanas”<sup>130</sup>. No entanto, é importante ressaltar que o ensino religioso não se aplica apenas aos aspectos da religião em si, mas deve atingir outras dimensões da vida social desse indivíduo. Segundo Sena, “o pressuposto do Ensino Religioso deve ser antes de tudo o valor teórico, social, político e pedagógico do estudo da religião para formação do cidadão”<sup>131</sup>. Desse modo, a proposta do Ensino Religioso visa não apenas educar, mas habilitar e capacitar pessoas para melhor exercerem sua cidadania em um mundo cada vez mais diversificado e plural.

Foi perguntado às alunas se o Ensino Religioso era importante para sua formação? Todas as respondentes afirmaram que sim. Diante dessa resposta, observamos que a maioria das alunas professava a fé cristã. Constatamos, nesse sentido, que os temas trabalhados em sala eram ministrados de forma unilateral e que todos os discentes estavam vinculados à tradição cristã. Assim, temas como *graça e perdão era[m] sistematicamente trabalhado[s] em sala de aula por ser[em] de fácil compreensão, segundo o professor*<sup>132</sup>. Isso evidencia a necessidade de mudanças nos conteúdos curriculares das escolas confessionais, pois conteúdos como Antropologia da religião e Sociologia da religião, considerados como relevantes na formação do cidadão, eram negligenciados. Essa prática pedagógica adotada contraria o Art. 33 da LDB 9.475/97, que assegura “o respeito à diversidade cultural e religiosa do Brasil e determina serem vedadas quaisquer formas de proselitismo”<sup>133</sup>. Compreendemos, assim, que, no mundo contemporâneo, não há espaço para esse tipo de ensino, pois ele já está ultrapassado, devido às novas demandas sociais e de convivência.

Mediante esse entendimento, foi perguntado às alunas se o Ensino Religioso interferia na sua fé; a maioria respondeu que sim. Nesse sentido, é importante ressaltar que a maioria que respondeu ao questionamento era cristã; isso evidencia que o público dessa escola era representado apenas por uma tradição religiosa, o que denota a ausência de alunos de outras matrizes religiosas. Diante desse cenário, evidenciamos a necessidade de realização de algumas mudanças voltadas à temática, para que estudantes de outras correntes religiosas venham a ser aceitos como alunos normais, a fim de que sua cultura possa ser respeitada. A esse respeito, Junqueira declara: “o Ensino Religioso é parte integrante essencial da formação

<sup>130</sup> FIGUEREIDO, 1994, p. 41

<sup>131</sup> SENA, Luiza: *Ensino Religioso- Formação de Docentes*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 35.

<sup>132</sup> Fala do professor da disciplina do ensino religioso.

<sup>133</sup> SENA, 2007, p. 114.

do ser humano, como pessoa cidadã, possibilitando aos educandos o acesso à compreensão do fenômeno religioso nas diferentes denominações”<sup>134</sup>. Essas mudanças serão algo desafiador para as escolas confessionais, devido aos ajustes que elas terão que realizar na sua matriz curricular, com o fim de ser viabilizada a presença de indivíduos de outras matrizes religiosas nas salas de aula, e, assim, haja a aceitação do diferente nessas suas salas de aulas.

**Gráfico 1**



Esse gráfico 1 demonstra que a religião mais estudada em sala de aula é o cristianismo; as demais religiões são apenas citadas. Notamos que a prioridade de ensino estava direcionada a uma única religião. Isso demonstra uma falha curricular e pedagógica da escola que merece uma atenção especial, pois o que deixa transparecer, por parte da própria escola, é uma certa indiferença com as demais religiões, pois estudar certos conteúdos que não fossem de suas práticas catequéticas não lhe interessava; isso fugia de seus ideais como escola confessional, e a consequência disso, segundo Junqueira, seria o “temor que causaria à identidade das instituições”<sup>135</sup>. Entendemos, assim, que as instituições precisam reavaliar o seu papel de agentes transformadores da sociedade; afinal, o reconhecimento de outras culturas religiosas é o primeiro passo para o processo da cidadania.

Na sétima questão, foi perguntado às alunas como elas avaliavam as aulas do professor do Ensino Religioso. Para maioria das alunas, elas foram consideradas ótimas, pois os conteúdos estudados em sala de aula eram de fácil compreensão, além do que a disciplina

<sup>134</sup> JUNQUEIRA, 2002, p. 65.

<sup>135</sup> JUNQUEIRA, 2002, p. 12.

não reprovava como as demais. Essa foi uma das conclusões a que chegaram alguns alunos da disciplina. Diante dessa observação, é preciso desfazer essa imagem de que o Ensino Religioso é uma disciplina fácil; ao contrário, é preciso entender que ela é uma disciplina que demanda a compreensão e o domínio de outras ciências humanas, o que exige um esforço maior dos alunos. Salientamos que o conhecimento de outras ciências viabiliza um discurso inter-religioso, pois só “através da reflexão, educador e educando rompem com as prisões que os prendem”<sup>136</sup>. Mediante essa realidade, o professor dessa disciplina deve buscar “constantemente o conhecimento das manifestações religiosas; desse profissional, espera-se que esteja disponível para o diálogo”<sup>137</sup>, principalmente com os seus educandos, pois essa é a condição primeira para a abertura e a aceitação do diferente como algo normal, dentro de um processo de aprendizagem.

**Gráfico 2**



Pelo que pudemos observar, todas as alunas foram unânimes em afirmar que conheciam o livro utilizado pelo professor em sala de aula.

<sup>136</sup> FORUM, 1997, p. 27.

<sup>137</sup> FORUM, 1997, p. 28.

Gráfico 3



Pelo que consta nesse gráfico, as alunas alegaram que gostavam dos temas abordados pelo professor; dentre os temas abordados em sala de aula, destacamos graça e perdão, temas esses que faziam parte da grade curricular; da instituição.

Na questão dez do questionário, foi perguntado às alunas se o livro didático era importante na disciplina do Ensino Religioso; todas responderam que sim, pois o livro utilizado pelo professor facilitava a compreensão do conteúdo, segundo a maioria das alunas. Porém é importante ressaltar que as alunas entrevistadas não mencionaram nenhum título dos livros utilizados pelo professor. Já na questão onze, foi perguntado às alunas quais foram os conteúdos de que elas mais gostaram. Todas elas responderam, unanimemente, que gostaram de todos os conteúdos. Na última questão, foi perguntado às alunas qual foi o conteúdo de que elas menos gostaram. Não houve resposta para essa pergunta.

Dessa forma, procuramos, a partir dos dados, interpretar e analisar as palavras do professor pesquisado, para que as informações coletadas pudessem auxiliar na exigente tarefa de contribuir para a formação de jovens cidadãos, por intermédio do ensino da disciplina do Ensino Religioso. É o que veremos no tópico a seguir.

### 3.3 Dados Gerais do professor entrevistado

O questionário atingiu apenas um profissional do sexo masculino, com idade acima dos 32 (trinta e dois) anos, formado em Teologia. Ele ministrava aulas de Ensino Religioso

para oito (08) turmas do ensino fundamental e para o ensino médio. Esse profissional era membro da Igreja Adventista. Sua confissão religiosa era de fé evangélica.

Foi perguntado ao professor o que o levou a optar por essa instituição de ensino? Sua resposta foi: “disposição de servir onde Deus mandar”. Isso denota certo comprometimento desse professor com sua ordem religiosa. Por ser a escola uma extensão da própria igreja, o docente se sentia na obrigação de passar o conhecimento de sua ordem confessional, por intermédio da disciplina do Ensino Religioso, pois essa seria uma maneira de servir a seu Deus e aos interesses ideológicos da própria escola; dessa forma, ele estava promovendo o proselitismo entre os alunos, deixando de lado a prática da ciência da religião. “A prática de todo o professor, mesmo que de forma inconsciente, sempre pressupõe uma concepção de ensino e aprendizagem que determina sua compreensão dos papéis de professor e da metodologia e dos conteúdos a serem trabalhados”<sup>138</sup>. Compreendemos, desse modo, que cumprir o papel de professor na área do Ensino Religioso requer desse profissional uma formação epistêmica, para que ele seja capaz de assimilar e articular-se diante da pluralidade religiosa, sem que haja convicções religiosas de ordem pessoal envolvidas no processo educativo.

A formação específica do professor em ciências da religião é fundamental, do ponto de vista epistêmico; isso permitirá a valorização do profissional, como também a valorização da disciplina, já que ela não é tida como uma disciplina séria entre os estudantes, pelo fato de ser uma disciplina facultativa, e que, academicamente, não interfere no cotidiano de alguns alunos. Nesse sentido, acreditamos que “uma das grandes urgências [...] é a criação de cursos de formação de professores em nível de graduação, com um currículo adequado às necessidades dessa formação sistemática para a vida acadêmica”<sup>139</sup>. Em assim sendo, a formação epistêmica dos professores na área do Ensino Religioso viabilizará uma prática pedagógica que seja capaz de contemplar toda diversidade religiosa, de modo a se evitar qualquer prática catequética; afinal, “o Ensino Religioso, do ponto de vista didático, não conta com a fé como ponto de partida; o objetivo do Ensino religioso é proporcionar ao aluno as oportunas experiências, informações e reflexões ligadas à dimensão da vida”<sup>140</sup>. Ressaltamos que o Ensino Religioso é isento de qualquer dogmatismo, enquanto a Teologia está associada à prática de dogmas, o que não possibilita qualquer tipo diálogo com os demais grupos.

---

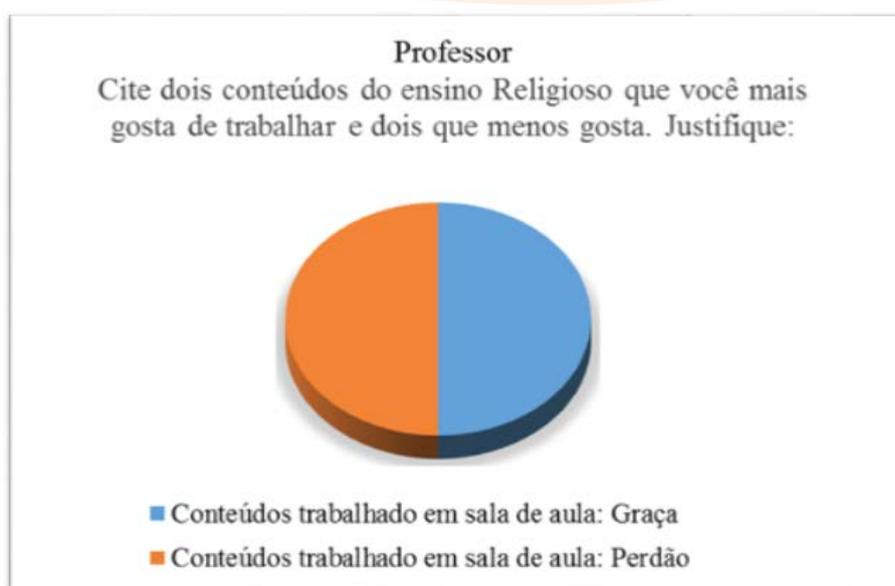
<sup>138</sup> JUNQUEIRA, 2002, p. 110.

<sup>139</sup> CATÃO, Francisco. *O fenômeno Religioso*; Ensino Religioso escolar. São Paulo: Letras & Letras, 1995, p. 15.

<sup>140</sup> GRUEN, 1994, p. 37.

A pergunta quinze do questionário foi dirigida ao professor acerca do Art. 33 da Lei 9475/97 que cita: “O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação do cidadão, constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurando o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo”<sup>141</sup>. Qual sua opinião a esse respeito? Sua resposta foi: “Visto que vivemos em um país laico onde todos têm o direito de escolher uma religião, de certa forma essa lei nos garante escolher que religião devemos pertencer, no entanto essa lei poderia se estender para escolas particulares e para o ensino médio, assim todos teriam direito”<sup>142</sup>. Sua resposta deixa transparecer que a lei não contemplava todas as escolas, principalmente as confessionais, pelo fato de os alunos não terem o direito de optar entre participarem ou não das aulas de religião; isso nos remete a um entendimento de que o princípio de escolha não se estendia à instituição de ensino confessional em que ele dava aula. “Há, contudo, resistência da parte de setores da igreja, para que se mantenha a confessionalidade, isto é, o Ensino Religioso ministrado de acordo com a confissão do aluno”<sup>143</sup>. Esse fato evidencia a necessidade de algumas mudanças no que se refere à prática pedagógica das escolas confessionais, pois, por mais que elas visem formar bons cidadãos, há outros interesses em jogo.

**Gráfico 4**



<sup>141</sup> CARNEIRO, 2008, p. 113.

<sup>142</sup> Fala do professor.

<sup>143</sup> FIQUEREIDO, 1994, p. 93.

Foi pedido ao professor que ele citasse dois conteúdos do Ensino Religioso que ele gostava de trabalhar em sala aula, e dois de que menos gostava. Ele respondeu que gostava de falar da *graça* e do *perdão*; falar da *graça* seria pelo fato de ela estar disponível a todos, assim como o *perdão*. Quanto ao conteúdo de que ele menos gostava, o professor não respondeu. Esses temas citados pelo professor nos remetem a um modelo de ensino confessional de tradição cristã. São conteúdos que, em parte, não contribuem cognitivamente e nem epistemologicamente na formação dos alunos, por serem temas restritos a uma determinada religião. Nesse sentido, podemos afirmar que não se tem como manter posicionamento que defenda, em âmbito público, um ensino confessional, embora no Brasil persistam modelos de Ensino Religioso reforçados por fortes *lobbies* confessionais<sup>144</sup>. Esse modelo confessional de Ensino não serve como referência de valores na construção de um indivíduo cidadão em um mundo diversificado e plural.

Ao ser questionado se, no geral, as turmas gostavam do ensino religioso, o professor respondeu que sim, pois as aulas eram ministradas com dinâmicas e com discussões dos temas no decorrer das aulas, e isso chamava a atenção dos alunos. Esses recursos são importantes, mas não são capazes de atender a todas as demandas, devido a sua complexidade epistêmica. Esse fato tem sido um dos motivos da precariedade epistemológica do ensino religioso nas escolas públicas e privadas do nosso país. “Há que se ressaltar que, nas tentativas feitas de alguma organização da modalidade licenciatura em Ciências da Religião, por parte de algumas instituições, a resposta do ministério da Educação alega a laicidade do ensino”<sup>145</sup>. Nesse sentido, podemos inferir que a precariedade do Ensino Religioso é a combinação de fatores que envolvem a política educacional do país, a qual atua de modo parcial para com a educação religiosa. Ressaltamos, no entanto, que “o ato de ensinar não significa transferir conhecimento religioso, mas assumir a religião como um dado a ser conhecido”<sup>146</sup>. Para que o Ensino Religioso ganhe notoriedade por parte dos alunos, é necessário que haja professores altamente preparados epistemologicamente em ciência da religião, por esta ser uma ciência que apresenta um diálogo com outras áreas do conhecimento.

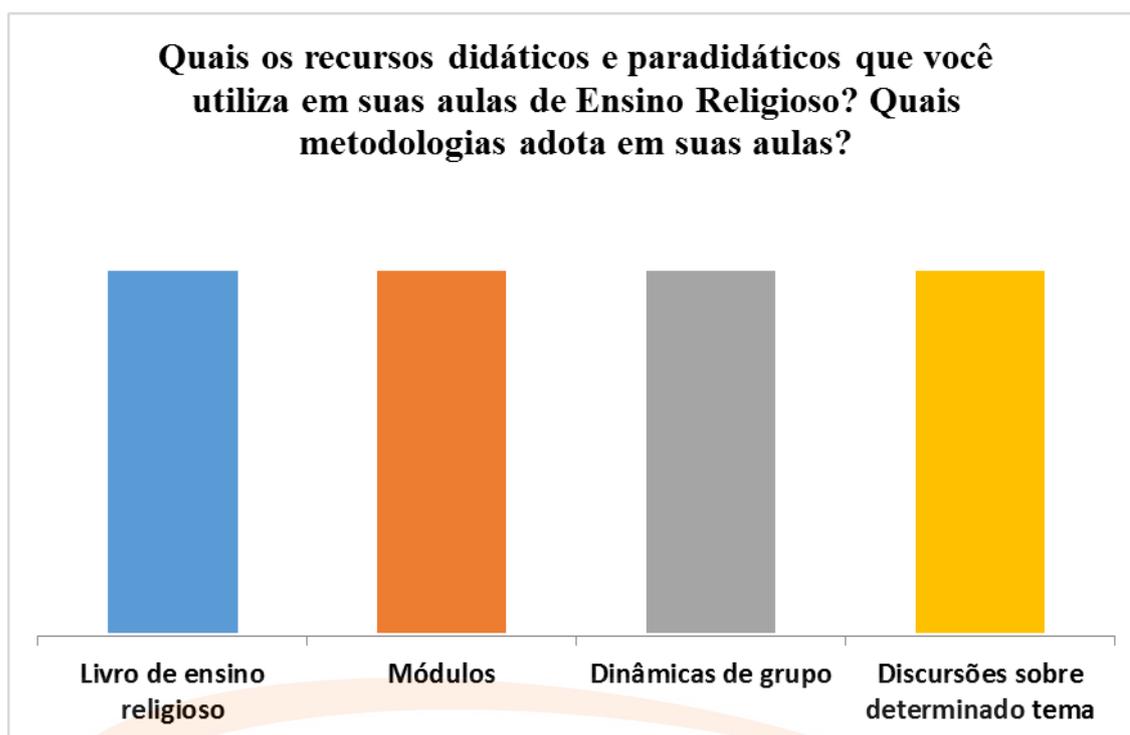
---

<sup>144</sup> SENA, 2007, p. 71.

<sup>145</sup> SENA, 2007, p. 38.

<sup>146</sup> SENA, 2007, p. 39.

Gráfico 5



Sobre quais recursos didáticos e paradidáticos ele utilizava, bem como quais metodologias eram adotadas em suas aulas, o professor pesquisado alegou que se utilizava de livros religiosos, de módulos, dinâmicas de grupo, e de discussões sobre determinados temas, com o objetivo de parar e prender a atenção dos alunos. Não é demais lembrarmos, nesse intento, que, para o “professor ministrar a disciplina do Ensino Religioso, é algo desafiador, quando a maioria dos alunos não demonstra interesse pela disciplina”<sup>147</sup>. É perceptível na fala desse professor que alguns desafios precisam ser superados; um desses “desafios é discutir a identidade pedagógica do Ensino Religioso e a formação de seus docentes que, historicamente, não foi concebido como elemento integrante de uma área maior como a educação [sic]”<sup>148</sup>. Esse fato histórico nos mostra a complexa realidade do professor referente a sua formação pedagógica e sua legitimidade para ministrar aulas em ciências da religião. Por ser a ciência da religião uma área de conhecimento que agrega outras ciências afins, é necessário que esse professor tenha uma formação à altura para atender às exigências e às demandas do Ensino Religioso em uma sala de aula.

Perguntado sobre os maiores problemas que dificultam o desenvolvimento do Ensino Religioso, o professor responde que é a falta de *interesse do aluno*. Em razão dessa resposta,

<sup>147</sup> Fala do professor.

<sup>148</sup> SENA, 2007, p. 91.

ressaltamos que a falta de interesse está associada a um modelo pedagógico de ensino que não atende às reais necessidades dos alunos, principalmente nos aspectos cognitivo e epistêmico. Afinal o “Ensino Religioso é parte fundamental da tarefa educativa e, como tal, precisa de robusta base científica, solidez pedagógica e compromisso cidadão”<sup>149</sup>. Portanto, é necessário que haja uma reformulação das instituições de ensino, tanto nas escolas confessionais como nas escolas públicas, no que se refere aos currículos escolares, como também no aprimoramento do corpo docente. Nesse sentido, salientamos que “a questão do Ensino Religioso é ampla e complexa, envolve demolições e construções de natureza política, cultural, eclesial e teórica”<sup>150</sup>. Isso poderá fazer que alunos e professores sintam-se motivados e tenham mais interesse pelo Ensino Religioso, pois este contribuirá para a formação de um cidadão crítico que seja capaz de dialogar com ideologias e culturas diferentes, sem que perca a sua identidade. Assim, acreditamos que essa é uma das alternativas viáveis, para que os alunos retomem o interesse pela disciplina.

O questionário pedia que o professor citasse três desafios da docência do Ensino Religioso. O professor respondeu que era: 1) **a falta de interesse por parte dos alunos**; 2) **internet**, pelo fato de ela dar todas as respostas de que o aluno precisasse; isso faz que eles percam o interesse nas aulas; alie-se a isso o fato de a disciplina não reprovar; 3) o mundo é **secularizado**<sup>151</sup>. Essas respostas são uma demonstração de alguém que não está antenado com o mundo. Acreditamos que não é a internet tampouco a secularização do mundo que são responsáveis em promover a falta de interesse dos alunos pela disciplina do Ensino religioso. O desinteresse dos alunos é o resultado de uma prática pedagógica desconexa com o mundo moderno, que exige mudanças; afinal, o mundo não é estático, ao contrário, ele está sempre em movimento, provocando desestabilização nas velhas estruturas. Ressaltamos que o Ensino Religioso tem sofrido os impactos dessas mudanças por preservar suas velhas estruturas pedagógicas de ensino. É importante, nesse sentido, destacarmos que “a questão do Ensino Religioso é complexa, envolve demolições e construções de natureza política, cultural, eclesial e teórica”<sup>152</sup>. Fica evidente, assim, que os métodos conservadores da pedagogia, no que diz respeito ao Ensino Religioso, precisam de mudanças significativas, se de fato se almeja ganhar notoriedade dessa área de ensino entre os alunos como uma ciência comprometida em promover as reais mudanças cognitivas e epistêmicas, e que tem o objetivo de formar cidadãos globais, capazes de dialogar em mundo plural.

---

<sup>149</sup> SENA, 2007, p. 20.

<sup>150</sup> SENA, 2007, p. 27

<sup>151</sup> Fala do professor.

<sup>152</sup> SENA, 2007, p. 27.

Foi perguntado ao professor qual era: **o seu ponto de vista acerca de a disciplina do Ensino Religioso ser importante na Escola.** Sua resposta foi: com a religião podemos aprender princípios que norteiam nossas vidas; outras matérias não podem oferecer o mesmo. Podemos verificar a dimensão que a disciplina do Ensino Religioso representa para o professor no que se refere a sua importância na construção de valores e princípios que podem nortear a vida dos indivíduos; no entanto, ele também alega que outras matérias não podem oferecer a mesma coisa. Essas afirmações proferidas por esse professor merecem uma atenção especial, pelo fato de a disciplina do Ensino Religioso não poder ser ministrada em sala de aula sem que haja o conhecimento de outras disciplinas afins; segundo Junqueira, “o Ensino Religioso deve tornar possível reler e estabelecer novos significados para objetos de seu estudo. Isso envolve compreender a diversidade religiosa, conhecer textos sagrados e ritos de diversas tradições”<sup>153</sup>. Assim, o professor do Ensino Religioso não pode se limitar, e nem se fechar em suas convicções pessoais e religiosas; ao contrário, deve ampliar seus conhecimentos referentes às ciências afins.

### 3.4 Dados Gerais do Diretor

Neste subitem, serão apresentados os resultados da pesquisa realizada com o diretor da escola Adventista, a respeito da sua percepção sobre o Ensino Religioso para a construção da cidadania. O diretor da Escola pesquisada possuía pós-graduação em docência do Ensino Superior. Como diretor, tinha 5 anos de experiência, no total de 20 anos na área da docência.

O diretor foi questionado acerca do art. 33 da Lei 9.475/97, que cita: “o Ensino Religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão, constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo”. Esse gestor respondeu que “o reconhecimento do transcendente era fator primordial para o desenvolvimento do ser humano, logo o Ensino Religioso passa ser um instrumento de suma importância para integralização do ser humano”<sup>154</sup>. Notamos que a resposta do diretor deixa transparecer certa preocupação com um ensino que seja capaz de aproximar os indivíduos; no entanto, essa aproximação só será possível quando as diferenças religiosas e culturais forem superadas pela aceitação dos diferentes, mediante um diálogo inter-religioso.

---

<sup>153</sup> JUNQUEIRA, 2008, p. 129-130.

<sup>154</sup> Fala do diretor que participou da entrevista.

Ressaltamos que “falar em diálogo inter-religioso, hoje, é afirmar a centralidade da vida como ponto de partida e como um ponto de chegada do diálogo, o qual terá relevância social para compreensão da história”<sup>155</sup>. Esse nível de diálogo inter-religioso se inicia no ambiente escolar, tanto público quanto confessional, por ser um espaço plural e diversificado; isso permite que, de fato, aconteça a integralização do indivíduo. Em seguida foi perguntado ao Diretor, a respeito da sua opinião sobre a contribuição do Ensino Religioso, e, o que o mesmo oferece para formação do educando? e justificasse sua opinião. Sua resposta foi: o Ensino Religioso fomenta no aluno um senso ético e moral, como também, amar ao próximo; e serve como instrumento de manutenção social. Essa resposta faz sentido, mas é insuficiente em atender todas as prerrogativas, e as demandas da sociedade contemporânea, pois Ensino Religioso praticado na Escola pesquisada, adota um modelo pedagógico, que privilegia a um único seguimento religioso, criando assim divisões e conflitos, entre os demais grupos religiosos. Mais adiante, foi perguntado ao Diretor quais os maiores problemas que dificultam o desenvolvimento do Ensino Religioso nas escolas? Respostas: a falta de interesse. Essa resposta contraria a resposta dos alunos que alegaram que as aulas ministradas pelo professor do Ensino Religioso, eram interessantes, e, importantes para sua formação. Isso deixa transparecer certa dissintonia entre professor, e, Diretor em relação ao que ocorria em sala de aula. Em seguida foi sugerido ao Diretor, que citasse três desafios da docência do Ensino Religioso. O Diretor citou três que são: ***A multiculturalidade religiosa, a falta de interesse dos alunos***, como também, ***o estigma de disciplina irrelevante***. Para o Diretor esses são os três maiores desafios a serem superados pelo Ensino Religioso dentro da sala de aula. É importante enfatizar, que o multiculturalismo não pode ser visto como uma barreira, mas uma oportunidade que possibilita conhecer e dialogar com as mais variadas religiões, principalmente em uma sala de aula; por ser um ambiente que agrega as múltiplas culturas e expressões religiosas. Com relação à falta de interesse, e o estigma por parte das alunas referente ao Ensino Religioso, é algo um tanto contraditório, pois as respostas dadas pelas alunas, era de que o Ensino Religioso era importante para sua formação, principalmente nos aspectos ético e moral. Isso demonstra certo desconhecimento por parte da direção, no que diz respeito às necessidades de seus alunos.

---

<sup>155</sup> SANCHEZ, 2005, p. 60.

### 3.5 Discussão dos dados da Pesquisa

Os dados obtidos no decorrer das entrevistas estão representados em alguns gráficos, os quais trouxeram os resultados. No primeiro momento da pesquisa, foi dirigido um questionário aos alunos da escola Adventista, com o objetivo de saber deles se o Ensino Religioso contribuía efetivamente para sua formação cidadã. A maioria respondeu que sim, principalmente nos aspectos ético e moral. Inicialmente, a percepção que os alunos tinham a respeito do Ensino Religioso era a de uma disciplina que se limitava apenas à ética e à moral como elementos subjetivos na construção de um cidadão. “No entanto, o processo da cidadania se inicia em um Estado de direito democrático que se alimenta de uma solidariedade de cidadãos que se respeitam reciprocamente com membros livres de uma comunidade política”<sup>156</sup>. Para Habermas, o processo da construção da cidadania estava condicionado a um ambiente no qual a esfera pública fosse representada por um “Estado liberal que assegurasse e estimulasse seus cidadãos a adotarem um comportamento cooperativo que ultrapassasse as fronteiras das cosmovisões políticas e religiosas”<sup>157</sup>. Assim, não é possível formar cidadãos, quando seus direitos básicos são negligenciados principalmente no que se refere à educação “epistêmica e simétrica”<sup>158</sup>. O Estado através das escolas públicas e das escolas particulares deve promover um Ensino religioso que possibilite aos alunos dialogarem com as múltiplas culturas, sem que abram mão de suas referências culturais e religiosas; dessa forma, o objetivo de uma educação epistêmica e simétrica é viabilizar a convivência com diversas cosmovisões. O Ensino Religioso dado pela escola Adventista aos alunos se limitava aos seus métodos e modelos pedagógicos, ou seja, era um ensino pautado nas convicções religiosas cristãs, sem que houvesse uma preocupação com as questões cognitiva e epistêmica na formação dos seus alunos.

O Ensino Religioso estava limitado aos interesses ideológicos da própria escola, mas que, indiretamente, contribuía para a formação dos alunos no que se referia às questões éticas e morais, as quais eram descritas à luz de uma teologia cristã que “não dispensa a inteligibilidade racional, mas subordina a filosofia à religião, a razão à fé e a verdade racional à verdade revelada”<sup>159</sup>. Nesse sentido, o contexto ao qual o Ensino Religioso está submetido nas escolas confessionais requer uma mudança urgente, pois esse modelo de ensino não

---

<sup>156</sup> HABERMAS, 2007, p. 8-9.

<sup>157</sup> HABERMAS, 2007, p. 10.

<sup>158</sup> HABERMAS, 2007, p. 125.

<sup>159</sup> OLIVVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. *Epistemologia e educação: bases conceituais e racionalidades científicas e históricas*. RJ: Vozes, 2016, p. 47.

atende, cognitivamente e epistemologicamente, às exigências do mundo contemporâneo. O mundo moderno “exige um indivíduo com uma formação epistêmica e cognitiva que lhe proporcione um agir com autonomia baseada em princípios éticos e morais”<sup>160</sup>, de modo a se respeitar as diferenças multiculturais, para que esse sujeito seja autor de sua própria história.

Ressaltamos que, no decorrer da pesquisa, foi observado que o Ensino Religioso não despertava interesse da maioria dos alunos, pelo fato de ser uma disciplina que não reprovava. Isso despertava neles uma sensação de insignificância para sua formação, tanto cognitiva quanto epistemologicamente. Compreendemos que o Ensino Religioso deve ser estudado epistemológica e pedagogicamente como uma “ciência fundada em valores humanos, políticos e éticos para a formação intelectual a qual deve estar substancialmente embasada numa tradição científica”<sup>161</sup>. Isso evitaria a sensação de insignificância da disciplina e de uma “cultura inútil”<sup>162</sup> entre os alunos; portanto, é necessário que haja uma força tarefa por parte dos professores e dos diretores da escola, de maneira tal que esses profissionais queiram modificar as estruturas curriculares e pedagógicas da instituição, com o objetivo de despertar nos alunos o interesse pela disciplina.

É importante reafirmar, nessa perspectiva, que o Ensino Religioso traz consigo um arcabouço epistêmico como “Filosofia da Religião, Teologia da religião e outras, como a Fenomenologia da Religião, História das Religiões, Psicologia da Religião e as Ciências Sociais (Antropologia e Sociologia)”<sup>163</sup>. Essas áreas do conhecimento estão intimamente vinculadas ao Ensino Religioso, as quais irão contribuir cognitivamente e academicamente na sua formação cidadã. As interações com essas disciplinas “são fundamentais no processo de desenvolvimento e aprendizagem do ser humano, mas isso só será possível mediante uma metodologia flexível, aberta que estimule esse aluno a interagir com o mundo, e refletir consigo e com o outro”<sup>164</sup>. Nesse intento, tornar uma metodologia flexível em uma escola com perfil confessional será um grande desafio para professores e diretores, devido à postura catequética e conservadora dessa instituição de ensino.

Na pesquisa realizada na escola Adventista, foi perguntado ao professor e ao diretor quais eram as maiores dificuldades para ensinar a disciplina do Ensino Religioso. Eles responderam que eram: *o secularismo, o pluralismo religioso, e a internet* como elementos ameaçadores. Essa resposta é um tanto preocupante, no sentido de que a secularização passa a

---

<sup>160</sup> OLIVVEIRA, 2016, p. 63.

<sup>161</sup> SENA, 2007, p. 25.

<sup>162</sup> PASSOS, 2007, p. 93.

<sup>163</sup> SENA, 2007, p. 65-66.

<sup>164</sup> JUNQUEIRA, 2009, p. 36.

ser uma ameaça para a prática do Ensino Religioso em sua instituição. Ao contrário do que eles pensam, “secularização pode ser definida como o processo desencadeado pela Modernidade que viabilizou a compreensão dos fenômenos religiosos por meio de outras ciências tirando da própria religião o poder hegemônico, e tidas como irrefutáveis”<sup>165</sup>. O processo da secularização permitiu que outras instâncias do conhecimento ganhassem notoriedade para se buscar um melhor entendimento dos fenômenos, de modo que não fosse apenas pelo viés da religião, pois, até então, suas verdades eram tidas como absolutas. “A secularização contribui para que a mentalidade profana e religiosa fosse transformada reflexivamente, e para que os problemas controversos na esfera pública sejam resolvidos por meios cognitivos, ou seja, por meio da razão”<sup>166</sup>. A secularização contribui para a racionalização e resolução dos problemas. Para Sanchez, “a racionalização do mundo estabelece leis racionais para a compreensão do mundo e para o domínio da natureza”<sup>167</sup>. Isso demonstra que a secularização tem mais a contribuir com o Ensino Religioso do que a prejudicá-lo.

A conclusão a que chegamos a respeito desta pesquisa, mediante os dados levantados, é que existem imensos desafios a serem superados pela escola, para que, efetivamente, o Ensino Religioso seja implementado no currículo da instituição, pois o ensino praticado na escola adventista ainda conserva princípios conservadores, ou seja, princípios alinhados a uma metodologia catequética. Verificamos, também, que a maioria dos alunos não levava a sério o estudo do Ensino Religioso, pelo fato de ele não ter tanta importância acadêmica como as demais disciplinas. Outro dado importante da pesquisa foi o despreparo dos professores devido à deficiência na formação acadêmica; isso contribuía para a ineficiência desse professor, pois a única formação que ele tinha era em Teologia, e, mesmo assim, ela era alinhada aos interesses da instituição. É importante frisar que, mesmo diante de todos esses problemas, o professor se sentia desafiado a dar o melhor de si para ministrar as aulas do Ensino Religioso, pois, para ele, era uma missão dada por Deus.

É importante ressaltar que a disciplina do Ensino Religioso se insere numa área do conhecimento extremamente relevante na construção de um cidadão, pois, segundo Passos, “o Ensino Religioso participa desse processo complexo de ensinar a conhecer como fonte de informação sobre o ser humano, a sociedade e a história, quanto como fonte de valor para a

---

<sup>165</sup> SANCHEZ, 2005, p. 30.

<sup>166</sup> HABERMAS, 2007, p. 126.

<sup>167</sup> SANCHEZ, 2005, p. 30-31.

vida do educando”<sup>168</sup>. O Ensino Religioso é uma ciência como as demais áreas do conhecimento científico, que viabiliza o diálogo com as múltiplas culturas religiosas, sem que os envolvidos no processo do conhecimento percam suas identidades culturais e religiosas. Queremos ressaltar, portanto, que a escola adventista, como uma instituição de ensino privada e confessional, tem a responsabilidade de construir e formar alunos, dotados de uma capacidade crítica e racional, respaldados em um Ensino Religioso de base científica.

### **3.5.1 Os desafios da Escola confessional e as implicações das mudanças.**

Toda mudança é vista como um desafio, pelo fato de gerar conflitos e insegurança diante do novo, já que conviver na zona de conforto é mais conveniente, evita-se incômodo. Nesse sentido, a pesquisa apresentada objetivou rever alguns conceitos do Ensino Religioso e a sua importância no desenvolvimento de um ser humano mais cidadão diante de uma sociedade cada vez mais plural. A investigação aponta caminhos e desafios que requerem uma postura desafiadora daqueles que se comprometem em demonstrar a importância do Ensino Religioso como uma disciplina relevante na construção simétrica e epistemológica do cidadão. “Um dos desafios, [para isso], é uma recriação do Ensino Religioso em âmbito nacional na área acadêmica e política”<sup>169</sup>. O reconhecimento do Ensino Religioso, nos âmbitos acadêmico e político, tem sido um intenso campo de batalha neste país. Pela realização de um percurso histórico a respeito do Ensino Religioso no Brasil, descobriu-se que esse ensino foi utilizado para os interesses ideológicos da elite política e religiosa deste país, em dado momento histórico. Notoriamente, não havia nenhuma preocupação por parte das autoridades políticas em propor um Ensino Religioso que fosse capaz de formar cidadãos críticos e autônomos, e de livre consciência. Esse fato histórico ainda persiste até o presente momento, pelo fato de o Ensino Religioso ser refém de algumas Instituições religiosas.

Para melhor compreender os conflitos vivenciados pelo Ensino Religioso quanto à sua importância na sociedade contemporânea, foi realizada uma pesquisa de campo em uma Escola confessional, para averiguar a importância que o Ensino Religioso representava para as alunas e para a Escola pesquisada, e se a disciplina contribuía de forma ampla para sua formação. Diante dos dados coletados no decorrer da pesquisa, detectamos algumas fragilidades pedagógicas e metodológicas, em relação aos problemas de conteúdo nas matrizes curriculares da Escola, no que diz respeito à disciplina do Ensino Religioso. Essas

---

<sup>168</sup> PASSOS, 2007, p. 42.

<sup>169</sup> SENA, 2007, p. 42.

fragilidades eram refletidas em sala de aula, pois o ensino praticado nessa escola não contemplava efetivamente as demandas dos alunos. Além disso, a ministração das aulas tinha uma conotação proselitista e catequética. Essa prática de ensino nos remete ao início da colonização, e isso tem sido um dos problemas enfrentados pelo Ensino Religioso nas Escolas confessionais. Diante disso, surge a pergunta: como superar essa problemática? A pesquisa aponta algumas saídas, entre elas, o rompimento das práticas proselitistas e o reconhecimento da pluralidade religiosa representada por cada aluno em sala de aula. A Escola contemporânea deve contemplar os seus alunos com um Ensino Religioso que atenda a todas as demandas do seu alunado, no sentido de formar indivíduos com posturas cada vez mais cidadã, diante de uma sociedade plural e diversificada. Outro desafio apontado na pesquisa é o reconhecimento por parte da Escola confessional de que o Ensino Religioso é uma disciplina de base epistemológica, ou seja, aquela que contém elementos filosóficos, os quais devem ser estudados mediante uma postura crítica e racional pelos alunos e professores.

A sociedade contemporânea exige desses alunos uma postura cidadã, de forma que as suas práticas e atitudes de convivência sejam de alteridade, e que eles sejam capazes de dialogar com o diferente, sem perder suas individualidades. É importante ratificar que “o conhecimento das alteridades religiosas deve ser um dos objetivos das escolas confessionais sem o qual não se podem conhecer verdadeiramente as particularidades e as totalidades que compõem a vida dos alunos presentes nas salas de aulas; a prática da alteridade evitará futuros conflitos religiosos”<sup>170</sup>. Esse será um dos maiores desafios que as escolas confessionais terão que enfrentar, pois a prática da alteridade dentro de um ambiente escolar evitará as práticas catequéticas e o proselitismo. Para a efetivação dessas práticas, é preciso que haja bom senso entre os dirigentes da instituição. Nesse sentido, é preciso que esses profissionais entendam que o novo contexto histórico em que a escola está inserida exige mudanças em suas matrizes curriculares, já que as profundas transformações sociais, políticas e tecnológicas pelo qual o mundo está passando pedem mudanças, e que o modelo pedagógico que é utilizado pela escola se tornou obsoleto, ultrapassado. Entendemos que será um longo e duro caminho a ser percorrido, pois a Escola confessional terá que abrir mão de algumas de suas ideologias; mas valerá a pena todas essas mudanças pelo fato de que todos serão contemplados com um Ensino Religioso que atenderá às necessidades sociais e espirituais dos alunos. Outro desafio a ser enfrentado pela Escola diz respeito à formação acadêmica dos professores, no que se refere à disciplina do Ensino Religioso. A pesquisa aponta que existe uma deficiência

---

<sup>170</sup> PASSOS, 2007, p. 125.

acadêmica do professor da disciplina do Ensino Religioso da instituição, pois a sua formação não atende à realidade e às demandas epistemológicas da disciplina, tampouco contribui de forma efetiva na formação crítica e cidadã dos alunos. Esse é um dos grandes desafios que a escola pesquisada tem que enfrentar e superar.



## CONCLUSÃO

Diante de uma cultura religiosa plural e diversificada, o Ensino Religioso deve proporcionar aos alunos um conhecimento sobre a importância das ciências da religião, como uma área do conhecimento que abrange os aspectos antropológicos, sociais, culturais e espirituais, como parte integrante do indivíduo. Os alunos devem ter uma formação religiosa que seja capaz de contribuir para a autonomia racional e crítica deles, levando-os a desenvolverem a capacidade de dialogar com as múltiplas religiões.

Quando se trata do Ensino Religioso, isso significa vivenciar intensos embates, pois, no decorrer da história, tal ensino sempre esteve envolvido em controvérsias e polêmicas. Hoje não é diferente; em pleno século vinte um, o Ensino Religioso ainda desperta sérias divergências no cenário acadêmico. Esse fato tem provocado sérios desgastes da disciplina entre os alunos e professores, justamente por não haver um entendimento por parte das autoridades educacionais quanto a sua efetivação como uma disciplina igual às demais, por exemplo, matemática, física, nos currículos das escolas.

Nessa perspectiva, a pesquisa realizada na escola adventista, em Maceió, evidenciou provas concretas, de que o Ensino tem contribuído efetivamente na construção de melhores cidadãos, mesmo diante de uma prática pedagógica pautada no modelo catequético. É importante ressaltar que o Ensino Religioso ministrado na escola adventista não estava totalmente alinhado com as normas da LDB, as quais vetavam qualquer prática catequética ou proselitista. Com as mudanças promovidas pela LDB, afirmava-se: “a inclusão do Ensino Religioso na escola tem por objetivo operacionalizar o princípio da liberdade e contribuir na valorização da espiritualidade humana, e contribuir para que esse aluno desenvolva uma consciência crítica na busca de transformar o mundo”<sup>171</sup>. Diante dessas observações, fica evidente que as práticas pedagógicas e metodológicas da escola adventista precisam se adequar às novas determinações da LDB, para que, efetivamente, o Ensino Religioso cumpra o seu papel como ciência, e, assim, possa contribuir com a formação e a construção dos alunos como cidadãos com bases epistemológicas, com o fim de que esses alunos tenham a capacidade de transitar e dialogar com as diversas correntes religiosas sem perder suas identidades religiosas, pela adoção de uma postura crítica e racional.

---

<sup>171</sup> CORDEIRO, 2008, p. 114 a 115.

A pesquisa revelou algumas dificuldades metodológicas por parte do professor, objeto da pesquisa, com os conteúdos da disciplina do Ensino Religioso, pois ele alegou que os conteúdos trabalhados em sala de aula se restringiam praticamente a uma única religião, no caso, o cristianismo, enquanto as demais religiões eram ignoradas pela própria escola. Além desse entrave, observamos também certa dificuldade epistemológica do professor não só em relação às outras religiões, mas também referente aos aspectos culturais, sociológicos e antropológicos. Em um dos gráficos da pesquisa, demonstramos que professor do Ensino Religioso da escola pesquisada pouco conhecimento tem com as demais religiões.

Diante disso, questionamo-nos sobre o que fazer para mudar essa cosmovisão, tanto do professor como da própria escola em relação às demais religiões. A resposta que pensamos ser a coerente estaria na consciência de cada agente envolvido com a educação do Ensino Religioso, pois não é possível, em pleno século vinte um, praticar um Ensino Religioso visando aos interesses institucionais, sem levar em conta o multiculturalismo religioso dentro de um ambiente escolar. As escolas confessionais devem rever suas práticas pedagógicas com o fim de viabilizar a inclusão de outras religiões para que estas sejam estudadas pelo viés da epistemologia. Ressaltamos que “o Ensino Religioso assumido como tarefa epistemológica remete sua fundamentação para o âmbito das ciências e de seu ensino”<sup>172</sup>. Diante do que foi comentado por Sena a respeito da epistemologia como um elemento indispensável para se buscar a compreensão dos fenômenos religiosos, mediante um olhar técnico dotado de uma postura de alteridade, é possível apreender valores de outras religiões sem que haja perda da identidade religiosa.

O Ensino Religioso quando executado nos parâmetros recomendados, efetivamente, contribuirá para a formação assimétrica e epistemológica do cidadão. Salientamos, nesse sentido, que, mesmo com suas deficiências pedagógicas e metodológicas, a escola adventista tem contribuído direta ou indiretamente para a formação cidadã dos seus alunos. Reafirmamos, no entanto, que é preciso que ocorram mudanças profundas em todos os aspectos acadêmicos para que se possa viabilizar o ensino de outras matrizes religiosas, no seu espaço acadêmico.

---

<sup>172</sup> SENA, 2007, p. 24.

## REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Luiz Bernardo Leite. *religião e modernidade em Habermas*. São Paulo: Loyola, 1996.
- BURITY, Joanildo. *religião e cidadania*. Sergipe: São Cristóvão, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt Bauman. *o mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BOEING, Antônio. o ensino religioso e cidadania. In: *Seminário*. São Paulo: (falta editora), 1999.
- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases*, 1997.
- BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: Ensino Religioso*. São Paulo: Am edições, 1997.
- BRASIL. *Parâmetro curricular nacional - Ensino Religioso*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- BURITY, Joanildo. *Religião e Cidadania*. São Cristóvão-SE, 2001.
- CATÃO, Francisco: *O fenômeno religioso; Ensino Religioso escolar*, São Paulo Editora letras & letras, 1995.
- CNBB, Conselho Nacional dos Bispos do Brasil 1996, p. 38.
- CARON, Lurdes (Org.); Equipe do GRERE. *O Ensino Religioso na nova LDB: Histórico, Exigências, Documentário*. Petrópolis: Vozes, 1997. (Coleção ensino religioso escolar-Série Fundamentos).
- CARNEIRO, Moacir Alves, *LDB fácil*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- A Educação no mundo pluralista: por uma educação da liberdade*. São Paulo: Paulinas, 1993. (Atualidade em diálogo).
- CAMARGO, Cesar da Silva et al. *Terra e alteridade: pesquisas e práticas pedagógicas em ensino religioso*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2007.
- CAMUS, Albert. *O homem revoltado*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&RM, 2015.
- FERNANDES, Madalena S. Fernandes. *A final o que é o ensino religioso?* São Paulo: Paulus, 2000.
- FIGUEIREDO, Anisia de Paulo. *Ensino religioso, perspectivas pedagógicas*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FONAPER - Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Religioso*. 2. ed. São Paulo: Ave Maria, 1997.
- GRUEN, Wolfgang. *Ensino religioso na escola 2*. Petrópolis: Vozes, 1995.

- GUERRIERO, Silas. *Novos movimentos religiosos: o quadro brasileiro*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- HABERMAS, Jurgen. *Entre o naturalismo e a Religião*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2007.
- JUNQUEIRA, Sergio. *história, legislação e fundamentos do ensino religioso*. Curitiba: Ibpx, 2008
- JUNQUEIRA, Sergio. *o processo de escolarização do ensino religioso no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002
- MESZARÓ, István. *Educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- MACHADO, Nilson José. *educação: Cidadania, projetos e valores*. São Paulo: Escritura, 2016.
- METTE, Norbert. *Pedagogia da religião*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MICHEL, Meslin. *Fundamentos de antropologia religiosa - a experiência humana do divino*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- MONDIN, Batista. *Quem é Deus*. Rio de Janeiro: Paulus, 1980.
- MORIN, Edgar: *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2012.
- NERY, J. J. *O ensino religioso escolar no Brasil (ERE) no contexto da história e das leis. Revista de educação*. Brasília: AEC do Brasil, v. 22, n.88, 1993.
- PASSOS, João Décio. *Ensino Religioso: construção de uma proposta*. São Paulo: Paulinas, 2007. (Coleção Temas do Ensino Religioso).
- PINSKY, Jaime (Org). *história da cidadania*. São Paulo: Contexto, 2016.
- OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de: *Epistemologia e educação: bases conceituas e racionalidades científicas* RJ: Vozes, 2016.
- SENA, Luzia. *Ensino Religioso e formação do docente: ciências da religião e ensino religioso em diálogo*. São Paulo: paulinas, 2007
- SANCHEZ, Wagner Lopes. *Pluralismo religioso: as religiões do mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- SAVIANI, Dermeval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*: Campinas: Autores Associados, 2013.
- TOURAINÉ, Elain. *Crítica da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 226.
- USARSKI, Frank: *Constituintes da Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- WACHS, Manfredo Carlos et al. *Ensino Religioso e práticas educativas*. São Leopoldo: Sinodal; Est, 2010.

**ANEXOS**

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 06/07/2017.



**FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**  
**MESTRADO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

**PROJETO DE PESQUISA: A IMPORTANCIA DO INSINO RELGIOSO NA CONSTRUÇÃO DO CIDADÃO "ESCOLA ADVENTISTA":**

Prezados (as) Alunos (as):

Este questionário tem como objetivo coletar dados para a pesquisa que realizo sobre **A IMPORTÂNCIA DO ENSINO RELIGIOSO NA CONSTRUÇÃO DO CIDADÃO. "ESCOLA ADVENTISTA":**. Para alcançar o meu objetivo preciso da sua participação que é muito importante e fundamental para a pesquisa, para compreender e refletir sobre essa temática com mais profundidade, de modo que possamos contribuir para ampliar e enriquecer esse estudo, que vai possibilitar e comprovar a importância do Ensino Religioso e, ao mesmo tempo apontar seus problemas e desafios enfrentados no cotidiano da escola.

Conto com sua colaboração.

Desde já agradeço.

Paulo Luiz da Silva  
 E-mail: prpaul45@gmail.com

**I – IDENTIFICAÇÃO:**

- 1.1 – Série: 9B  
 1.2 – Sexo: feminino  
 1.3 – Idade: 14  
 1.4 – Religião: evangélico

**II – ATUAÇÃO DISCENTE:**

2 – Ensino religioso tem contribuído para sua formação ética e moral.

- Sim  
 Não

3 – Para você as aulas de Ensino Religioso são:

- Educativas.  
 Dinâmicas.  
 Cansativas.  
 Não gosta.

4 – O Ensino Religioso é importante para sua formação.

- Sim  
 Não

5 – As aulas de Ensino Religioso interferem na sua fé.

Sim

Não

*de forma negativa*

6 – Quais as Culturas e Tradições Religiosas que você já estudou?

Cristianismo.

Judaísmo.

Afro.

Islamismo.

Indígena.

Hinduísmo.

Budismo.

Não estudou nenhum dos temas acima.

7 – Como você avalia as aulas da professora de Ensino Religioso?

ótima.

boa.

regular.

precisa melhorar.

8 – Você conhece o livro que a sua professora utiliza nas aulas de Ensino Religioso?

sim.

não.

9 – Você gosta dos temas abordados nas aulas de Ensino Religioso

Sim

Não

10 – Para você o uso do livro didático na disciplina de Ensino Religioso é importante?

Sim

Não

11 – Qual foi o conteúdo que você mais gostou? Justifique:

*gostei de todos.*

12 – Qual foi o conteúdo que você menos gostou? Justifique:

*Nenhuma.*

Sua participação é muito importante!

Agradecemos a sua colaboração!

Maceió – AL, 18/02/16.

**FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**  
**MESTRADO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

**PROJETO DE PESQUISA: A IMPORTANCIA DO INSINO RELGIOSO NA CONSTRUÇÃO DO CIDADÃO “ESCOLA ADVENTISTA”:**

Prezados (as) Alunos (as):

Este questionário tem como objetivo coletar dados para a pesquisa que realizo sobre **A IMPORTÂNCIA DO ENSINO RELIGIOSO NA CONSTRUÇÃO DO CIDADÃO. “ESCOLA ADVENTISTA”**. Para alcançar o meu objetivo preciso da sua participação que é muito importante e fundamental para a pesquisa, para compreender e refletir sobre essa temática com mais profundidade, de modo que possamos contribuir para ampliar e enriquecer esse estudo, que vai possibilitar e comprovar a importância do Ensino Religioso e, ao mesmo tempo apontar seus problemas e desafios enfrentados no cotidiano da escola.

Conto com sua colaboração.

Desde já agradeço.

Paulo Luiz da Silva  
 E-mail: prpaul45@gmail.com

**I – IDENTIFICAÇÃO:**

- 1.1 – Série: 9<sup>a</sup>A  
 1.2 – Sexo: feminino  
 1.3 – Idade: 13  
 1.4 – Religião: Adventista

**II – ATUAÇÃO DISCENTE:**

2 – Ensino religioso tem contribuido para sua formação ética e moral.

- Sim  
 Não

51

3 – Para você as aulas de Ensino Religioso são:

- Educativas.  
 Dinâmicas.  
 Cansativas.  
 Não gosta.

15

4 – O Ensino Religioso é importante para sua formação.

- Sim  
 Não

5 – As aulas de Ensino Religioso interferem na sua fé.

- ( ) Sim  
 Não

6 – Quais as Culturas e Tradições Religiosas que você já estudou?

- ( ) Cristianismo.  
 ( ) Judaísmo.  
 ( ) Afro.  
 ( ) Islamismo.  
 ( ) Indígena.  
 ( ) Hinduísmo.  
 ( ) Budismo.  
 Não estudou nenhum dos temas acima.

7 – Como você avalia as aulas da professora de Ensino Religioso?

- ( ) ótima.  
 boa.  
 ( ) regular.  
 ( ) precisa melhorar.

8 – Você conhece o livro que a sua professora utiliza nas aulas de Ensino Religioso?

- sim.  
 ( ) não.

9 – Você gosta dos temas abordados nas aulas de Ensino Religioso

- ( ) Sim  
 ( ) Não

10 – Para você o uso do livro didático na disciplina de Ensino Religioso é importante?

- ( ) Sim  
 Não Só para o Professor!

11 – Qual foi o conteúdo que você mais gostou? Justifique:

Só tivemos um assunto

---



---

12 – Qual foi o conteúdo que você menos gostou? Justifique:

Só tivemos um assunto

---



---

Sua participação é muito importante!

Agradecemos a sua colaboração!

Maceió – AL, 19 / 02 / 16.

**FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES  
MESTRADO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

**PROJETO DE PESQUISA: A IMPORTANCIA DO INSINO RELGIOSO NA  
CONSTRUÇÃO DO CIDADÃO “ESCOLA ADVENTISTA”:**

Prezados (as) Alunos (as):

Este questionário tem como objetivo coletar dados para a pesquisa que realizo sobre **A IMPORTÂNCIA DO ENSINO RELIGIOSO NA CONSTRUÇÃO DO CIDADÃO. “ESCOLA ADVENTISTA”**: . Para alcançar o meu objetivo preciso da sua participação que é muito importante e fundamental para a pesquisa, para compreender e refletir sobre essa temática com mais profundidade, de modo que possamos contribuir para ampliar e enriquecer esse estudo, que vai possibilitar e comprovar a importância do Ensino Religioso e, ao mesmo tempo apontar seus problemas e desafios enfrentados no cotidiano da escola.

Conto com sua colaboração.

Desde já agradeço.

Paulo Luiz da Silva  
E-mail: prpaul45@gmail.com

**I – IDENTIFICAÇÃO:**

- 1.1 – Série: 2º  
1.2 – Sexo: feminino  
1.3 – Idade: 15  
1.4 – Religião: não tem

**II – ATUAÇÃO DISCENTE:**

2 – Ensino religioso tem contribuido para sua formação ética e moral.

- Sim  
 Não

3 – Para você as aulas de Ensino Religioso são:

- Educativas.  
 Dinâmicas. 55%  
 Cansativas.  
 Não gosta.

4 – O Ensino Religioso é importante para sua formação.

- Sim  
 Não

5 – As aulas de Ensino Religioso interferem na sua fé.

- ( ) Sim  
 Não

6 – Quais as Culturas e Tradições Religiosas que você já estudou?

- Cristianismo.  
( ) Judaísmo.  
 Afro.  
( ) Islamismo.  
 Indígena.  
( ) Hinduísmo.  
( ) Budismo.  
( ) Não estudou nenhum dos temas acima.

7 – Como você avalia as aulas da professora de Ensino Religioso?

- ( ) ótima.  
( ) boa.  
 regular.  
( ) precisa melhorar.

8 – Você conhece o livro que a sua professora utiliza nas aulas de Ensino Religioso?

- ( ) sim.  
 não.

9 – Você gosta dos temas abordados nas aulas de Ensino Religioso

- Sim  
( ) Não

10 – Para você o uso do livro didático na disciplina de Ensino Religioso é importante?

- ( ) Sim  
 Não

11 – Qual foi o conteúdo que você mais gostou? Justifique:

Debate sobre limites, foi bom para expor novas pontos de vista, e passou ótima dinâmica na sala.

12 – Qual foi o conteúdo que você menos gostou? Justifique:

Até agora não teve um, mas sei que não gostaria de falar sobre ~~isso~~ algumas coisas

Sua participação é muito importante!

Agradecemos a sua colaboração!

Maceió – AL, 18 / fevereiro 2016 .

**FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES  
MESTRADO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

**PROJETO DE PESQUISA: A IMPORTANCIA DO INSINO RELGIOSO NA  
CONSTRUÇÃO DO CIDADÃO “ESCOLA ADVENTISTA”:**

Prezados (as) Alunos (as):

Este questionário tem como objetivo coletar dados para a pesquisa que realizo sobre **A IMPORTÂNCIA DO ENSINO RELIGIOSO NA CONSTRUÇÃO DO CIDADÃO. “ESCOLA ADVENTISTA”**: . Para alcançar o meu objetivo preciso da sua participação que é muito importante e fundamental para a pesquisa, para compreender e refletir sobre essa temática com mais profundidade, de modo que possamos contribuir para ampliar e enriquecer esse estudo, que vai possibilitar e comprovar a importância do Ensino Religioso e, ao mesmo tempo apontar seus problemas e desafios enfrentados no cotidiano da escola.

Conto com sua colaboração.

Desde já agradeço.

Paulo Luiz da Silva  
E-mail: prpaul45@gmail.com

**I – IDENTIFICAÇÃO:**

- 1.1 – Série: 2º ano  
1.2 – Sexo: Feminino  
1.3 – Idade: 36  
1.4 – Religião: Adventista

**II – ATUAÇÃO DISCENTE:**

2 – Ensino religioso tem contribuído para sua formação ética e moral.

- Sim  
 Não no

3 – Para você as aulas de Ensino Religioso são:

- Educativas. 50/100  
 Dinâmicas.  
 Cansativas.  
 Não gosta.

4 – O Ensino Religioso é importante para sua formação.

- Sim 100  
 Não

5 – As aulas de Ensino Religioso interferem na sua fé.

- Sim  
 Não

6 – Quais as Culturas e Tradições Religiosas que você já estudou?

- Cristianismo.  
 Judaísmo.  
 Afro.  
 Islamismo.  
 Indígena.  
 Hinduísmo.  
 Budismo.  
 Não estudou nenhum dos temas acima.

7 – Como você avalia as aulas da professora de Ensino Religioso?

- ótima.  
 boa.  
 regular.  
 precisa melhorar.

8 – Você conhece o livro que a sua professora utiliza nas aulas de Ensino Religioso?

- sim.  
 não.

9 – Você gosta dos temas abordados nas aulas de Ensino Religioso

- Sim  
 Não

10 – Para você o uso do livro didático na disciplina de Ensino Religioso é importante?

- Sim  
 Não

11 – Qual foi o conteúdo que você mais gostou? Justifique:

---



---



---

12 – Qual foi o conteúdo que você menos gostou? Justifique:

---



---

Sua participação é muito importante!

Agradecemos a sua colaboração!

Maceió – AL, 18 / 02 / 2016.

**FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES  
MESTRADO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

**PROJETO DE PESQUISA: A IMPORTANCIA DO ENSINO RELIGIOSO NA  
CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA**

Prezada (º) Professora: (º)

Este questionário tem como objetivo coletar dados para a pesquisa que realizo sobre A IMPORTÂNCIA DO ENSINO RELIGIOSO NA CONSTRUÇÃO DO CIDADANIA "ESCOLA ADVENTISTA". Para alcançar o meu objetivo preciso da sua participação que é muito importante e fundamental para a pesquisa, de modo que possamos contribuir para ampliar e enriquecer esse estudo, que vai possibilitar e comprovar a importância do Ensino Religioso e, ao mesmo tempo apontar seus problemas e desafios enfrentados no cotidiano da escola.

Conto com sua colaboração.

Desde já agradeço.

Paulo Luiz da Silva  
E-mail: Prpaul45@gmail.com

**I – DADOS PESSOAIS DO DOCENTE:**

1 – Sexo: Masculino (  ) Feminino ( )

2 – Idade: 32

3 – Estado civil: CASADO

4 – Religião: ADVENTISTA

5 – Formação:

5.1 – ( ) Ensino Médio. Qual curso? \_\_\_\_\_

5.2 – (  ) Superior. Qual curso? TEOLOGIA

5.3 – ( ) Pós-Graduação. Qual curso? \_\_\_\_\_

**II – DADOS PROFISSIONAIS:**

6 – Total de anos de docência:

6.1 – (  ) 1 – 5.

6.2 – ( ) 6 – 10.

6.3 – ( ) 11 – 15.

6.4 – ( ) 16 – 20.

6.5 – ( ) Acima de 20 anos.

7 – Quais disciplinas você leciona? RELIGIÃO

8 – Qual rede de ensino você leciona?

8.1 – ( ) Rede Estadual.

8.2 – ( ) Rede Municipal.

8.3 – (X) Rede Particular.

9 – Tempo de trabalho com a disciplina Ensino Religioso:

9.1 – (X) 1 – 5.

9.2 – ( ) 6 – 10.

9.3 – ( ) Acima de 10 anos.

10 – O que levou você optar por esta área de ensino?

DISPOSIÇÃO DE SERVIR A ONDE DEUS MANDA.

11 – Para trabalhar com esta área de conhecimento, você fez qual curso?

TEOLOGIA

12 – Em quantas escolas você trabalha com este componente curricular? 2

13 – Quantas turmas de ensino você tem? 8

14 – Faça uma média de quantos educandos você tem por turma:

14.1 (X) 20 – 30.

14.2 ( ) 31 – 45.

14.3 ( ) Acima de 45.

### III – DADOS PEDAGÓGICOS

15 – O Art. 33 da Lei 9475/97 cita: “O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão, constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedada quaisquer formas de proselitismo. Qual sua opinião?”

VISTO QUE VIVEMOS EM UM PAÍS LAICO ONDE TODOS TEM O DIREITO DE ESCOLHER UMA RELIGIÃO, DE “CERTA FORMA” ESSA LEI NOS GARANTE ESCOLHER QUE RELIGIÃO QUEREMOS PERTENCER, NO ENTANTO ESSA LEI PODERIA SE ESTENDER PARA AS ESCOLAS PARTICULARES E PARA O ENSINO MÉDIO, ASSIM TODOS TERIAM DIREITO.

16 – Em sua opinião, que contribuição o Ensino Religioso oferece para a formação do educando? Justifique:

17 – Cite dois conteúdos do Ensino Religioso que você mais gosta de trabalhar e dois que menos gosta. Justifique:

COIACA - É UM CONTEÚDO QUE GOSTO DE TRABALHAR  
POR QUE ESTÁ DISPONÍVEL A TODOS, BEM COMO O PERDÃO

NÃO ENCONTREI CONTEÚDOS QUE MENOS GOSTO DE TRABA-  
BALHAR

18 – De um modo geral as suas turmas gostam das aulas de Ensino Religioso? Justifique:

SIM, AULAS COM DINÂMICAS E DISCUSSÕES SOBRE TEMAS  
CHAMAM A ATENÇÃO DOS ALUNOS.

19 – Quais os recursos didáticos e paradidáticos que você utiliza em suas aulas de Ensino Religioso? Quais metodologias adota em suas aulas?

LIVROS DE ENSINO RELIGIOSO, MÓDULOS. DINÂMICAS EM  
GRUPO, DISCUSSÕES SOBRE DETERMINADO TEMA.

20 – Do seu ponto de vista quais os maiores problemas que dificultam o desenvolvimento do Ensino Religioso nas escolas?

20.1  A redação da Lei 9475/97.

20.2  A falta de material didático.

20.3  A falta de interesse.

20.4  O despreparo de alguns professores.

20.5

Outros:

21 – Cite três desafios da docência do Ensino Religioso:

21.1:

FALTA DE INTERESSE DOS ALUNOS: NOSSOS ALUNOS TEM TODAS  
AS RESPOSTAS QUE ELAS PROCURAM EM SEGUNDOS, BASTA  
UM ACESSO A INTERNET E ISSO FAZ COM QUE ELAS  
PERCAM O INTERESSE NAS AULAS.

21.2:

A DISCIPLINA NÃO REPROVA

21.3:

MUNDO SECULARIZADO

22 – No seu ponto de vista por que esta disciplina é importante na escola?

COM A RELIGIÃO PODEMOS APRENDER PRINCÍPIOS QUE  
MORTEIAM NOSSAS VIDAS, OUTRAS MATERIAS NÃO PODEM  
OPERECER O MESMO.

Agradecemos a sua colaboração!

MACEIO – AL, 11/03/16.

**FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**  
**MESTRADO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

**PROJETO DE PESQUISA: A IMPOTANCIA DO ENSINO RELIGIOSO NA CONSTRUÇÃO DO CIDADANIA. ESTADUAL DE ENSINO.**

Prezada Diretora (°)

Este questionário tem como objetivo coletar dados para a pesquisa que realizo sobre **A IMPORTANCIA DO ENSINO RELIGIOSO NA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA "ESCOLA ADVENTISTA"**. Para alcançar o meu objetivo preciso da sua participação que é muito importante e fundamental para a pesquisa, de modo que possamos contribuir para ampliar e enriquecer esse estudo, que vai possibilitar e comprovar a importância do Ensino Religioso e, ao mesmo tempo apontar seus problemas e desafios enfrentados no cotidiano da escola.

Conto com sua colaboração.

Desde já agradeço.

Paulo Luiz da Silva  
 E-mail: prpaul45@gmail.com

**I – DADOS DOCENTE:**

Formação:

- 1.1 – ( ) Ensino Médio. Qual curso? \_\_\_\_\_  
 1.2 – ( ) Superior. Qual curso? **-D** \_\_\_\_\_  
 1.3 – (X) Pós-Graduação. Qual curso? **Docência** \_\_\_\_\_

**II – DADOS PROFISSIONAIS:**

- 2 – Total de anos de docência:
- 2.1 – ( ) 1 – 5.  
 2.2 – ( ) 6 – 10.  
 2.3 – ( ) 11 – 15.  
 2.4 – (X) 16 – 20.  
 2.5 – ( ) Acima de 20 anos.

3 – Total de anos de gestão:

3.1 – (  ) 1 – 5.

3.2 – (  ) 6 – 10.

3.3 – (  ) 11 – 15.

3.4 – (  ) 16 – 20.

3.5 – (  ) Acima de 20 anos.

### III – DADOS PEDAGÓGICOS

4 – O Art. 33 da Lei 9475/97 cita: “O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão, constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedada quaisquer formas de proselitismo. Qual sua opinião?”

*O reconhecimento do transcendente é um fator primordial no desenvolvimento do ser humano. Logo, o ensino religioso passa a ser um instrumento de suma importância na integralização do ser humano.*

5 – Em sua opinião, que contribuição o Ensino Religioso oferece para a formação do educando? Justifique:

*Fomenta no aluno o senso ético e moral. Bem como, o amor ao próximo, que é um instrumento de manutenção social.*

6 – Do seu ponto de vista quais os maiores problemas que dificultam o desenvolvimento do Ensino Religioso nas escolas?

2.1 (  ) A redação da Lei 9475/97.

2.2 (  ) A falta de material didático.

2.3 (  ) A falta de interesse.

2.4 (  ) O despreparo de alguns professores.

2.5 (  ) Outros:

---



---



---



---



---

7 – Cite três desafios da docência do Ensino Religioso:

7.1:

- A multiculturalidade religiosa
- A falta de interesse dos alunos
- O estigma de disciplina irrelevante.

---



---



---

7.2:

7.3:

8 – No seu ponto de vista por que esta disciplina é importante na escola?

*Por ela contribuir na formação dos alunos enquanto cidadãos.*

Agradecemos a sua colaboração!

MACEIÓ-AL, 22/02/16



Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 06/07/2017.

**ENSINO**

**RELIGIOSO**



Missão cumprida  
Boas notícias  
De volta para casa

## **8º ANO**

### **CONTEÚDOS**

#### **1º BIMESTRE**

Tempo de paz  
Rebelde sem causa  
Expulso por criar encrenca  
O paraíso  
O veneno da serpente

#### **2º BIMESTRE**

Pacto de sangue  
Povo especial  
Trincheiras  
Plano especial  
O inimigo dos ídolos

#### **3º BIMESTRE**

O fã do Messias  
O decifrador dos sonhos  
Confronto de poderes  
Fatos e boatos  
O dia "D"

#### **4º BIMESTRE**

Somente pela fé  
O peso da tradição  
Visão global  
Missão resgate  
Silêncio no caos  
Paz, afinal!

## **9º ANO**

### **CONTEÚDOS**

#### **1º BIMESTRE**

Pisando na bola  
Sinal de alarme  
Giro de 180º  
Acerto de contas

#### **2º BIMESTRE**

Metamorfose  
A carta de Deus



Alô, Céu!  
Voo para o infinito

### **3 ° BIMESTRE**

Saúde dos pés à cabeça  
Cada dia melhor  
Produção máxima  
Seu habitat  
Do lado esquerdo do peito

### **4° BIMESTRE**

Família global  
Comprometido 100%  
Equipado para agir  
Melhorando o mundo



## ENSINO RELIGIOSO

### 1º ANO

Dinâmica - apresentação do programa;  
 Temperamentos;  
 A arte de conhecer a si mesmo;  
 "União – questão de sobrevivência" – texto  
   - Dominar  
   - Multiplicar  
   - Gênesis 1.26-31  
 Era bom até ... Gêneses 3.6 e 7 ( pecado)  
 Mudanças  
   - Físicas ( Gêneses 3.16 – 19 / 6:3)  
   - Mental ( Gêneses 4:9 / 6:5 )  
   - Espiritual ( Gêneses 4:7 ).  
 História do sísimo – Ter objetivos  
 Texto para crescer (p. 10) / Êxodo 3:11;  
 Comportamento (transparência);  
 Adolescência - Filme;  
 Não tenha medo de ser diferente (p. 61) – Mateus 27 – Pilatos;  
 " Estou inocente... " – Maria vai com as outras;  
 Situações colocadas em grupo;  
 Decisões inteligentes ( p 31) – escolhas.

Inferioridade ( p. 10-17)  
 Autoestima - cabeça feita (p. 48);  
 Solidão - causas, efeitos, como evitar - Lucas 24 :13 – 35;  
 Felicidade (p. 25) - textos e testes;  
 Ansiedade (p.51- 60) - causas, efeitos, prevenção;  
 Drogas e álcool – a bíblia e vício -causas, efeitos, características.

A bíblia e o sexo antes do casamento;  
 Sexualidade / identidade sexual;  
 Casamento precoce;  
 Desconfiança e infidelidade;  
 Filho rejeitado;  
 Aborto;  
 Posturas dos pais - Gen. 25 e 29;  
 Amor x paixão;  
 Masturbação;  
 Homossexualismo – Romanos 1:25 e 29;  
 Estupro;  
 Pena de Morte – Rom. 2:8 / 2:16.

Família;  
 Relacionamento pais x filhos;  
 Namoro;  
 Escolha do companheiro;  
 A presença de Deus faz diferença;  
 Salva-se quem quiser! (p. 266);  
 Profissões;  
   - Características;  
   - Mercado de trabalho.

Escolha de um Dom ou dinheiro!? (temperamentos);  
 Filmes – formando opinião, princípios éticos;



O que sou, o que creio, como realizo?

## 2º ANO

Felicidade – relacionamento com Cristo;  
 Teste de felicidade – autoaceitação;  
 O valor da cruz;  
 A história da salvação;  
 O mundo civil, religioso e político - a época de Jesus;  
 A história da Igreja em sete lições (as sete cartas do apocalipse e suas mensagens I, II e III);

### TEMAS PARALELOS

Valor pessoal;  
 Amor;  
 Preconceitos;  
 Fidelidade Cristã;

VI, VII). A história da igreja em sete lições (as sete cartas do apocalipse e suas mensagens IV, V,  
 O relógio profético de Deus – sinais da vinda de Cristo;  
 Os grandes troncos religiosos (Cristianismo, Judaísmo, Budaísmo, Hinduísmo) - história e atualidades;  
 A primazia do Cristianismo;

### TEMAS PARALELOS

O valor da atitude;  
 Perseverança.

Os sete selos;  
 O conflito entre bem e o mal;  
 Pecado;  
 Influências pagãs no cristianismo;  
 Seitas orientais - origens e segmentos atuais ( Egito, Índia, China e Babilônia- nova era);  
 O Estado da Alma: parapsicologia, hipnotismo.

### TEMAS PARALELOS

O problema do sofrimento;  
 Liberdade religiosa.

Os últimos dias;  
 O relógio profético de Deus;  
 O cristão no mundo contemporâneo;  
 Bioética – Eutanásia, clonagem, doação de órgãos;  
 Cidadania política;  
 Temas paralelos (TV);  
 Honestidade e corrupção;  
 Indiferença;  
 Livre arbítrio e a consciência - compromisso com Deus.

### CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Apresentação oral - sinais no mundo social;



Avaliação contínua de atividades em sala.

#### TEMAS PARALELOS

Violência;  
Bioética;  
Corrupção.

### 3º ANO

Quem sou eu? Lucas 2.38;  
Sabedoria – A oração de Salomão;  
Gênesis 1-3;  
Cosmovisão: panteísta, ateuísta, deísta e teísta;  
A importância na formação de uma cosmovisão cristã de mundo;  
Criacionismo X Evolucionismo  
Origem da vida;  
Dignidade e valor do ser humano;  
Compreendendo as mudanças;

#### TEMAS PARALELOS

Valor humano;  
Auto-motivação.

A origem do homem;  
Uma só humanidade;  
O casamento no plano de Deus;  
Escolha profissional ( Eccl 9.10);  
Trabalho – Satisfação ou necessidade?  
Ansiedade ou descanso semanal?  
“ Guardiões da natureza”

#### TEMAS PARALELOS

Preconceitos (social, de sexo, religioso e étnico);  
Orientação vocacional;  
Stress e ansiedade  
Satisfação e realização.

A importância dos relacionamentos:

1. com Deus
2. com o próximo

O dilúvio  
A formação dos fósseis e radiocronômetros;  
A origem do pecado;  
O problema do sofrimento;  
Escondendo de Deus - a consciência.  
A oferta de Caim e Abel;  
O pano da rendição.

#### TEMAS PARALELOS

Questões relacionais na família, na igreja e no trabalho;  
Cidadania.



---

Conflitos religiosos através dos séculos;  
Religião - o ópio do povo;  
Benefícios da religião - cura e restauração;  
Benefícios físicos e psicológicos da comunhão;  
Justificação pela fé;  
Jesus Cristo; o personagem central do apocalipse;  
Milênio;  
Nova terra.

#### TEMAS PARALELOS

História da religião;  
Segurança pessoal.